



# RelevO

Fevereiro de 2025 / n. 6 a. 15  
ISSN 2525-2704 / Periódico  
literário independente feito em  
Curitiba-PR desde set/2010

bo  
2017

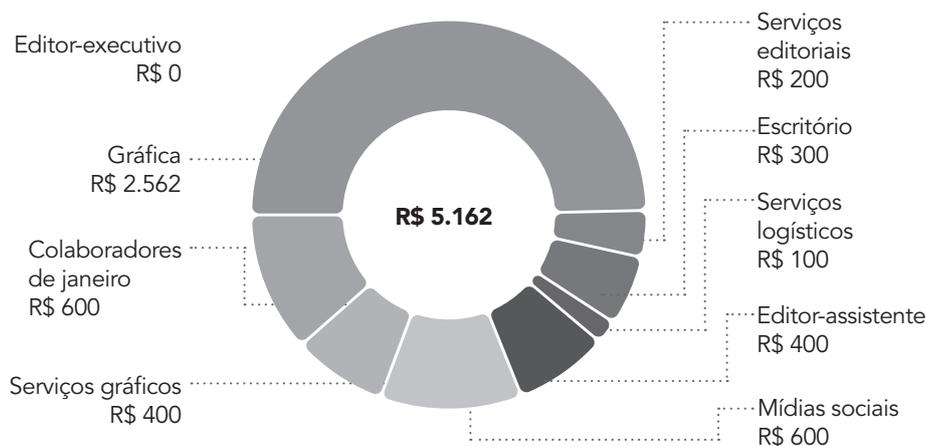
## DOS CUSTOS DA VIDA

### ⊕ RECEITA BRUTA

**ASSINANTES ▶ R\$ 30** Gustavo Alberto Perez; **R\$ 60** Clauco Santana; **R\$ 70** Ivo Korytowski; Guilherme Vilhena Martins; André Giusti; Douglas Lobo; Jorge Cardoso; Leticia A P Correa; Yuri Tocantins Ferreira; Iury Cascaes; Gabriel Vidal; Maurilio Montanher; Gabriel Galbiatti Nunes; Jotabê; Lorena Silva; Luiza Gimenez; Ana Paula Lira Ramos; Bruno Santana; Leda Lopes; Sandra Modesto; Fernanda Mellvee; Massanori Takaki; Elisama Oliveira Campos De Araújo; Fernando Borges; Iuri de Sá; Marcos Antonio Teixeira; Sandro Dalpícolo; Fernando Ferreira da Costa; Pedro Eilert; Thelio Queiroz Farias; Lucas Santos; Lucas Proffrio; Patrick Fontanella Silva; Marcella Lopes Guimarães; Tereza Santo; Gleidston Alis; Tereza Cristina Santos; Roberto Dutra Jr.; Fernando Antônio Fonseca; Natasha Magno; Alexandre Araujo; Alice Barros; Alexandre Brandão; Renata Tabalipa; Jessika Alves; Eduardo Betinardi; Aurélio Kubo; Zeh Gustavo; Fabiano Rocha da Silva; Luiza Oliveira; Mabelly Venson; Gabriel Yared; Hugo K Ferreira; Gilmair Ribeiro; Gustavo Gagliasso Dumas; Ivo Korytowski; Fabio Cairolli; Fernanda Nali de Aquino; Igor Shimabukuro; Bárbara Pinheiro Baptista; João Alexandre; Fabrício Pinheiro; Eduardo Canesin; Leonardo Meneghini de Oliveira; Ana Elisa Volpato; Mariana Ferraz; Matheus Florio; Davi Koteck; **R\$ 80** Eduardo Pereira de Souza; Vitor de Lerbo; **R\$ 90** Rômulo Cardoso; **R\$ 100** Rafael Zaina Gonsalves; Nicolau de Oliveira Araujo; Gabriella Anne Dresch; **R\$ 105** José Alexandre Bastos Pereira; Rodrigo Gonçalves; Matheus Chequim; Marcos Nunes Loiola; Hugo Giuzzi Senhorini; **R\$ 140,00** Damaris Pedro; Demian Gonçalves Silva; Pedro Duarte; Gabriel Ferreira; Maria Diel; Sonia Prota; Leticia Helena Prochnow; Paulo Eduardo Parucker; Fernando Maatz; Rafael Roefero; Wagner Teixeira; Lausamar Humberto Alves; Pedro de Almeida Álvares; Juliana Pereira de Almeida; Emanuele Delgado; Mateus Mamani; Marina Domingues; Piera Schnaider; **R\$ 150** Marina Dubio; Rafael Gayer; **R\$ 8,995 TOTAL** ◀ 190 Amanda Fievet Marques; **R\$ 200** Wesley Loose.

**ANUNCIANTES ▶ R\$ 50** O Alienígena da Amazônia; **R\$ 70** Fernanda Mellvee; Flesch **R\$ 460 TOTAL** ◀ Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 200** Flavio Sanso.

### ⊖ CUSTOS FIXOS



### ⊖ DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200  
Correios: R\$ 4.470

### ⊖ DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

### 🔗 VAMOS AO QUE INTERESSA

⊕ Entradas totais: **R\$ 9.455**  
⊖ Saídas totais: **R\$ 9.867**  
⊖ Resultado operacional: **-R\$ 412**



## EXPEDIEN

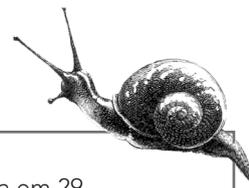
# Fevereiro 2025



Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Rafael Maieiro  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: Bolívar Escobar  
Advogado: Rafael Estorilio  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 4.500

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Rafael Estorilio  
Celso Martini  
Rômulo Cardoso  
Felipe Harmata  
Amanda Vital  
Whisner Fraga  
Fernanda Dante  
Nuno Rau



Edição finalizada em 29 de janeiro de 2024.

### ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

### PUBLIQUE

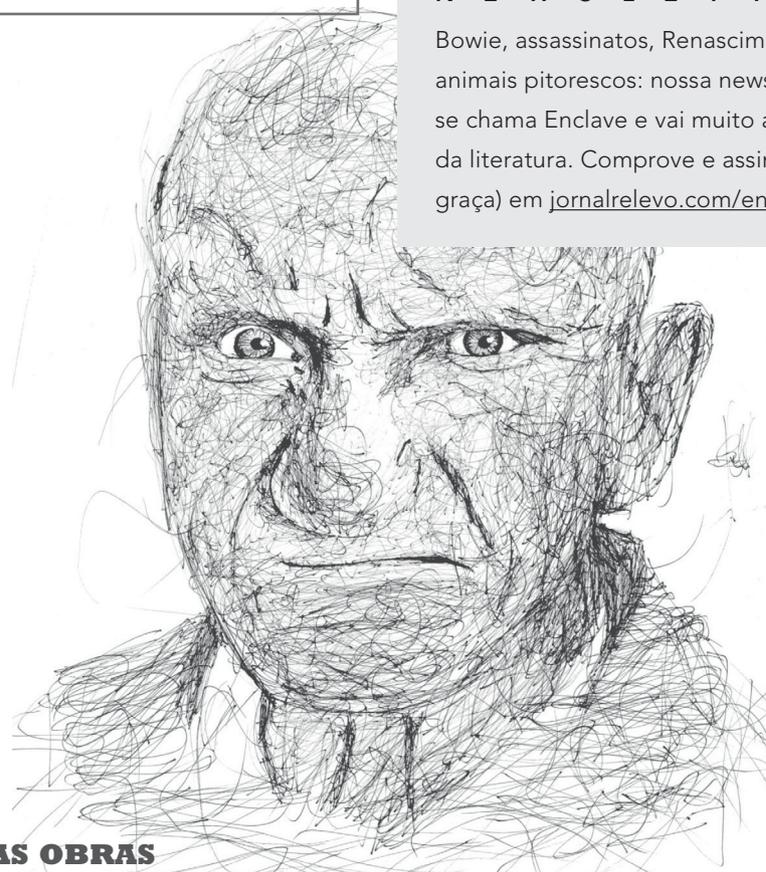
O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

### NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

## DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Fabiano Rocha da Silva**. Você pode conferir mais do trabalho dele em [fabianorochadasilva.46graus.com](http://fabianorochadasilva.46graus.com)



## ▷ CARTAS

OVERMAN

**Henri H.Q.** • De uns tempos pra cá comecei a pular a seção do ombudsman porque não sabia do que ele tava falando, aí me dei conta que ele tava comentando ‘aquela edição’ de que eu só tinha lido ainda as cartas e o editorial. Pensei: pulo, e depois que acabar de ler o jornal todo volto para ler os comentários. Qual o quê! Esqueço, e quer saber: não tá me fazendo falta nenhuma.

**Fernanda Schimanski Bernardes** • O pH de 12,5 do rapaz ombudsman harmoniza bem com o humor do jornal. Nada mal...

**Samuel Medeiros** • Caros editores, gosto muito do estilo irreverente carregado de humor desse jornal, tanto que assino e divulgo entre meus amigos. Saudações cordiais de Campo Grande-MS.

**Ialos Frühstück** • Boa tarde, Jornal! Voltei ontem de férias (eu sei, um mimo) e na minha mesa tive a extrema felicidade de encontrar diversas edições do jornal. Estou escrevendo apenas para agradecer a dedicação e o envio! Vocês são uma lufada de ar fresco (e com cheiro de papel-jornal) nesses tempos que cheiram à naftalina e uniformes lavados a seco em 1964. Abraços.

ELEGIA AO ELOGIO

**Diego Domingos** • Sei que isso pode não soar como um elogio — mas dou por ganha minha leitura do **RelevO** quando leio um único texto que valeu a pena. No caso da edição de agosto de 2024 foi “O último trabalho de El Diabôncio”. Não vou dizer que foi uma grata surpresa pra evitar a frase-feita. Tudo ali me agradou: o personagem errático, o cenário nosso conhecido, o sarcasmo, e até o nome do autor — parte da ficção também; como diz um humorista aqui da minha paróquia: Não nascem mais Astrogildos. Obrigado, editor! P.S.: Tá, gostei também do poema do W.H. Auden, mas não da tradução.

**Paulo Berri** • Elogios sempre são positivos (desde que sinceros, rs). Recebi o Jornal pela primeira vez e gostei muito. As seções Desclassificados e Discursos de Ódio são demais, criativas e engraçadas.

Aos poetas: Bolívar Escobar, belos haikais; Carolina Bataier, 3 poemas inspirados; Lara Dias, soníferos e oníricos belos poemas; Fernanda N. Aquino, poema marítimo muito bom (principalmente a primeira parte).

**Henrique Soares de Souza** • Querido Jornal, como vai? :) De início, quero dizer que assinei o jornal neste ano de 2024 e adorei o conteúdo. Este modelo de jornal literário precisa continuar vivo — para o bem da nação, hehe. Além disso, escrevo contos leves, com uma pegada de humor, sobre situações cotidianas. Estou encaminhando um dos meus textos, caso encaixe na linha editorial de vocês. Um excelente final de ano e um próspero 2025!

**Kawanny Tacon** • Oi, Jornal! Queria agradecer pelo envio das edições que, supostamente, não haviam chegado! Enquanto a edição de janeiro está a caminho (ou talvez com o síndico), tô colocando a leitura da de outubro em dia (antes tarde do que mais tarde!). Obrigada!

**Wesley Loose** • RelevO’sports... Da edição de dezembro, gostei muito dos dois textos que falaram de esportes: “Perna de pau” e a Enclave “Circo de Luvas”. Felizmente não tomei conhecimento da tal luta e nem depois da leitura procurei imagens. Pelo texto já deu pra ver que foi mesmo um espetáculo deprimente. Boa noite.

**Paulo Parucker** • Abençoado ano novo pra vocês. Considerando que Brasília, ilha da fantasia, é quase fora do Brasil, acabei fazendo a contribuição do maior plano de assinatura. Bom trabalho e que em 2025 essa armata brancaleone siga relevante! Abraço!

**Rozana Gastaldi Cominal** • É bonito de se ver, é bonito de se ler, seja numa área rural ou urbana da Escócia ou do Brasil, apesar dos ruídos da comunicação enervante. A edição do **RelevO** de janeiro de 2025 cumpriu o prometido: literatura que desafia e conecta. Teorias abrem o caminho para a passagem das horas. Faz sentido ler jornal, ainda mais ler um jornal literário: prova nossa mísera

existência numa prática social coletiva. Nossos corpos e mente agradecem. Mas nem tudo é palatável. Verdadeira mutação, a gosto do tempero de cada um.

IDIOTA SE ACHA GÊNIO POR JOGAR XADREZ  
**Marcelo Lyra** • Esse é facilmente um dos melhores textos que eu já li.

CONHEÇA O EDUCADOR FÍSICO QUE NÃO GOSTA DE CHARLIE BROWN JR.  
**Bruno Villela** • Eu não sei fazer poesia mas que se foda

**Mayk Oliveira** • Livre pra poder sorrir.

GRUPO DA FAMÍLIA SENTE FALTA DE TIO CHATO

**Bianca Nóbrega** • Texto maravilhoso em muitos aspectos! O irmão que não quer revelar o nome, tia Rosa, prima Marisa! Jornalismo sério, investigativo e útil. É isso que espero do **RelevO**. Mas o final eu não esperava ahahaha

**Fernando Ferrone** • Olha, parabéns por tudo, mas sobretudo por designer que cuida desse perfil no Instagram.

IA E DEPRIMÊNCIA

**Tiago Flores** • Texto muito bom! Quase sem redes sociais há mais de 6 anos (limitado ao e-mail e WhatsApp, sem esses tais de “X”, “Facebook”, “Instagram” e caralho a quatro), tentando levar uma vida cada vez mais fora da tela (livros, jornais e revistas impressos, discos de vinil — é caro, caro, caro. Mas dá um contentamento e uma paz tão rara que vale a pena!), vejo sem sobressaltos que o círculo caótico desse mundo virtual parece em vias de se completar. E cada vez mais rapidamente. As promessas de um avanço tecnológico que supriria absolutamente todas as necessidades de todas as áreas da vida humana parecem ter finalmente mostrado que a única coisa ao fundo desse abismo ilimitado de possibilidades é um tédio muito grande. Aos poucos, as pessoas vão se dando conta de que o mundo virtual se exauriu como entretenimento. E, salvo as inegáveis vantagens funcionais (fazer pagamentos, compras, se comunicar), enxergarão que os pequenos (e grandes) prazeres da vida jamais serão substituídos por um telefone. O ritual

diário de correr as vistas sobre as páginas foscas de um jornal, a singela alegria de ouvir todas as faixas de um disco e sentir "o clima" que ele instaura, certa demora em abrir o pacote esperado de livros que trouxe o correio... Enfim, é nessas coisas que eu acredito. Tenho esperança. Porra! São essas coisas que valem a pena!

**Gustavo Vícola** • Texto estupendo. Parabéns!

**ZeCarlos** • Tudo é tudo e vice-versa do avesso!

JOVIAL E VITORIOSO

**Animal Formal** • Hahaha o futuro do próprio pensamento é sintético, a cognição artificial já é muito mais do que esse lixo decadente de mundo moderno será capaz de compreender ou utilizar, e certamente não são pequenos escritores infestados de ceticismo mórbido e dados à zombaria que são capazes de enxergar fundo nessas coisas, ou de fazerem algo novo e diferente eles mesmos. É “deprimente”, não é mesmo? Não saberia dizer, tenho me sentido bastante jovial e vitorioso em 2025!

O RELEVO NO BRASIL TODO, MENOS NO!

**Luis Felipe Mayorga** • Pelas súplicas eloquentes do Duque Amaro Velho da Silva e as orações do Conde Ambrósio Leitão da Cunha, rogamos ao @estado\_do\_acre\_oficial @estadodoacre @estadodoacre\_ml @noticiasrondoniario @governoro @rondoniagora @souderondonia-commuitoorgulho que nos ajudem a mudar essa realidade, inserindo o Jornal **RelevO** no panteão cultural de tão nobres Unidades Federativas, as quais todos sabem não serem coabitadas por terópodes, saurópodes e congêneres, sendo tais alegações meras distrações e divertimentos juvenis de usuários da rede online de computadores!

**Iata D’Geraes** • Essa edição de janeiro tá maravilhosa!

O DISCRETO CHARME...

**Lucas Santos** • No final tudo acaba em podcast.


**EDITORIAL**

## Os rumos do impresso no país dos não leitores

Em um cenário saturado pelo digital, onde o *scroll* infinito domina as interações e o tempo livre, mudando a percepção de foco e derretendo nossa concentração, a alternativa do impresso justifica sua existência de formas cada vez mais lógicas. Na competição diária pela atenção e na macarronada de algoritmos moldando nossos interesses, o impresso oferece uma pausa intencional e menos fragmentada, algo que a experiência digital – cada vez mais como uma roda de hamster a serviço de anúncios – dificilmente consegue (ou tem interesse de) replicar.

A recente pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**, do Instituto Pró-Livro, trouxe à tona a grave realidade do desinteresse pela leitura no país. Mais da metade da população (53%) não leu sequer parte de um livro nos três meses anteriores à pesquisa, independentemente do suporte. Esse dado é comovente não só por demonstrar a desconexão com o hábito da leitura como um todo, mas também por revelar um sintoma mais profundo: uma sociedade em que *não ler* caminha para a norma, ao contrário do uso de tecnologias cada vez mais balbuciantes. (Convenhamos, não que antes da internet o Brasil fosse o Olimpo da intelectualidade...)

Outro dado merece atenção. A predominância do celular – 75% dos entrevistados afirmam passar mais tempo no dispositivo do que com um livro impresso –, quase uma platitude, traz uma ponderação acerca do impacto das telas em outros aspectos da vida. A hiperconectividade digital não afeta só os hábitos de leitura, uma vez que transforma o modo como nos relacionamos com o tempo e com o mundo físico. Atividades que dependem de presença, como caminhar, visitar amigos, ou até mesmo o estabelecimento de vínculos íntimos como... sexo, estão em declínio, substituídas por interações mediadas por telas.

Claro que estamos falando de uma generalização a partir de dados – e que temos, sim, zonas de respiro também nas gerações nascidas já com a internet em domínio. E não esqueçamos novamente da pesquisa: apenas 17% dos adultos acima de 40 anos têm o hábito da leitura. É uma geração pré-internet. O problema é muito mais antigo. Entendemos que o impresso, nesse cenário, pode se tornar, paradoxalmente, um ato de renovação, já que o formato

não se limita somente à transmissão de informação; é um retorno à experiência tátil, visual e emocional. Livros, revistas e jornais oferecem um tipo de interação imersiva e não linear, permitindo ao leitor pausar, reler e contemplar, em oposição à efemeridade do conteúdo digital. Impresso não tem pop-up. Para além da nostalgia, o impresso encontra novas justificativas para sua existência: é um meio que incentiva o foco, a introspecção e o distanciamento saudável da saturação informacional.

Assim, o desafio não é resistir ao digital, tampouco introjetar leitura em dançarino do TikTok, mas construir uma cultura em que o consumo de conteúdo impresso seja mais presente. Chamamos isso de letramento analógico. Em um país onde a quantidade de não leitores supera a de leitores, fomentar o hábito de leitura é um passo vital para formar indivíduos menos... derretidos. Não que o **RelevO**, especificamente, vá salvar o Brasil de seu buraco quente (não o sanduíche), mas as redes dos bilionários malucos da ideologia californiana do Vale do Silício certamente não estão aqui para nos conduzir à evolução.

No dia a dia do Jornal, conversamos muito sobre o letramento para impresso. O que isso significa? É a nossa tentativa miúda de colocar mais leitores em contato com a nossa “plataforma”. Nosso plano logístico de distribuição, que dá acesso [grátis] ao periódico em mais de 400 pontos culturais do Brasil, tem como mote o contato com o impresso. O plano é todo financiado por nossos assinantes. Também pensamos no acesso do Jornal aos escritores. Janeiro, por exemplo, é o mês em que fazemos as devolutivas dos autores e autoras que mandaram materiais no último semestre. Acredite: muitos escritores nunca folhearam uma edição do **RelevO** (ok) ou sequer de outro impresso (aí complica). Mesmo entre aqueles que escrevem, as trocas de mensagens são estupefacentes. “Olá, obrigada pelo retorno, mesmo que vocês não utilizem meu material. Quem sabe na próxima! O que é periódico? Gostaria de entender melhor” ou “Estava mais interessado na publicação do que na leitura do Jornal, não precisa mandar a edição de cortesia não”. “Mas como chega o jornal? Por email?”. Todos exemplos reais, *ipsis litteris*.

Em outra ponta, enquanto o Brasil vê

regredir sua curva de leitura rumo ao grunhido, até mesmo gigantes do setor digital tomam ações na direção do impresso. A recente decisão da ByteDance, dona do TikTok, de expandir sua editora 8th Note Press para o mercado de livros físicos, é emblemática. A gigante chinesa aposta no crescimento da comunidade BookTok para lançar livros impressos voltados às gerações Millennial e Z. Paralelamente, revistas como *Vox*, *Vice* e *Saveur* retornam às bancas, ao passo que o mercado americano celebra o lançamento de mais de 70 novas publicações impressas apenas no último ano. Por aqui, temos o retorno ao impresso da folclórica *Capricho*.

Claro: em tempos de incertezas, a nostalgia desempenha um papel importante. Objetos físicos, como livros, vinis e câmeras analógicas, carregam uma carga emocional que os torna refúgios em meio ao barulho. Revistas impressas, muitas vezes transformadas em peças de decoração ou colecionáveis, ganham espaço pela experiência sensorial de folhear suas páginas e pelo valor estético de seus projetos editoriais minimalistas. Em muitos casos, isso não deixa de ser apenas um fenômeno de boutique.

De fato, o prazer do toque, da textura e do cheiro das páginas não pode ser replicado pelo digital. Não há interrupções irritantes, anúncios invasivos ou notificações que desviam a atenção. A leitura flui em um ritmo próprio, permitindo uma experiência limpa e imersiva. Além disso, o impresso resgata a noção de permanência. Enquanto plataformas digitais adicionam e removem conteúdos sem aviso, o que mantemos fisicamente em nossas mãos reflete nossa identidade e gera memória. Livros e revistas tornam-se extensões de quem somos, objetos que não só representam nossas preferências, mas também estreitam laços e promovem a troca de ideias. Impresso não pode ser editado a posteriori.

O milésimo renascimento do impresso não significa uma rejeição ao digital, mas sim uma convivência harmoniosa entre os dois formatos. Ambos têm seus méritos: o digital para a instantaneidade e o alcance global, e o físico para a profundidade e a conexão emocional. É nessa coexistência que leitores, criadores e editores encontram novas possibilidades: estamos falando de reimaginar o século 21 antes que ele se torne o ferro-velho completo dos bots. **R**


**APOIADORES**


**MARLON REIS  
& ESTORILIO**  
ADVOCACIA



**Banca Tatui** [www.bancatui.com.br](http://www.bancatui.com.br)  
Desenho por Angela León

São Paulo / SP

## OMBUDSMAN

Rafael Maieiro

### Sem ou com orelhão

*Pule para o último parágrafo e descubra para que serve esta seção do Relevo*

Uma orelha gigantesca. Você é um coelho cego andando com pressa no meio da Rua Riachuelo, na Lapa — se apoia (ou rodopia) na bengala e usa as orelhas em riste como um braço de chapeleira para manter a cartola no seu devido lugar —, desvia confuso de carros, motos e bicicletas ainda mais atordoadas. Buzinaço, caos, calor. E plaw! Olha lá você adentrando na dita-cuja, malandragem! Na orelha? Na cartola? Tanto faz. Bifurcação: orelha ou cartola? Sai do outro lado, dentro da sua própria...

*p de...? São nove letras, amado e idolatrado leitor. Adivinha? Deixa de chatice!*

...orelha e está sem ela. Não, calma, ela (elas?) está (estão!) aí. Então, esquece o Dedé, deixa de ser lelé, vem comigo, Zeh, e se liga no papo da presente ouvidoria. Faz algum sentido:

★

— Sabe de uma coisa, meu irmãozinho, não leio um jornal impresso faz uns dez ou vinte anos — disse Diego Barboza, poeta e editor, convidado para comentar o **Relevo** de janeiro. — Na verdade, dou aqui meu testemunho, sou um leitor assíduo do Universal — conclui o raciocínio sem fazer nenhum tipo de ironia.

Foi logo dizendo antes de me cumprimentar ou qualquer coisa do tipo.

— Fale mais! — finjo não me surpreender e levanto a pelota.

Gosto muito de jornal impresso, continuava Diego, e tem sempre uns meninos da Igreja distribuindo o jornalzinho deles lá na entrada do metrô Maria da Graça. Aí vou, pum, meto o jornal embaixo do braço e sigo meu rumo pro trabalho. Ele puxa a cadeira, pede dois copos, uma cerveja e completa dizendo

que é melhor mudar de assunto. O jornal é bonzinho, insistia, bem escrito. Eles lá com a fé deles sabem colocar palavra na frente de palavra, são jeitosos. Um dia desses vou pegar o **Relevo** e trocar com os meninos, aí veremos o cabrito que vai ser parido. O poeta, já sentado, acende um cigarro e abre o jornal. Fala do gosto de ler no papel e que nesses tempos parecem empedrar a aura de uma tábula. Só estamos no celular, né? Jornal, hoje em dia, precisa de porte? Aliás, é mais fácil você ver um fuzil do que um ser lendo uma jornaleta. Que doideira! E, olha, diz o nosso comentarista do mês, naturalmente, cagar lendo um jornal, na moral, não tem preço! De repente, ele pega um exemplar do Jornal que tinha deixado em cima da mesa, abre o jornal simulando um anjo terreno batendo as asas. Se levanta. Começa a discursar.

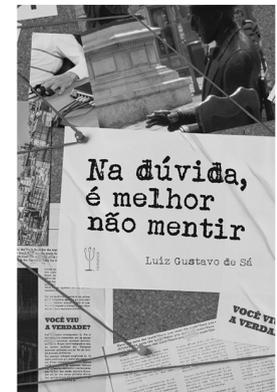
Estamos no Ximenes da Riachuelo, restaurante localizado na Lapa:

— Caros leitores, eventualmente presentes neste belo e bem frequentado restaurante, eis o jornal **Relevo**. Não, não é uma esquete. Estou aqui, de fato, apresentando um jornal de literatura, um impresso. Coisa boa, ficção fina, melhor que o seu maior concorrente no Brasil, o Universal. Conto, poesia, foto, artes plásticas, sem modorra de banqueiro playba, longe, bem longe da arte de cabelo bagunçado e à sombra do poder. Nessa edição, temos uma coletânea de poemas de Kay Sage. Primor! Bilíngue. Olha aqui: “cola de peixe / olhos em casas de vidro / atirando pedras.” Aqui também, na página 13, um desabafo do Sérgio Mallandro. Perdeu essa, *Mad*. E tem correio do amor um pouquinho pior que de festa junina. E nem me falem de aplicativo hoje, tá? Rodem este jornal por aí e vejam se eu estou mentindo!

*Cansamo-nos de tudo, excepto de compreender. O sentido da frase por vezes é difícil de atingir.*

Bernardo Soares,

ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa



#### Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como substituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

#### Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir



**Poetas e Ficcionalistas,  
venham prosear com a gente**

**publiqueconosco@editorapangeia.com.br**

**Conheça mais  
www.editorapangeia.com.br**

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor / Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua



Passou para a moça da mesa ao lado, que sorriu. Diego senta na mesa, Sou um ótimo jornalista, né?, ele não vai muito com o jeitão do Saramago. Mas, Maieiro, um jornal daquele, sem tirinha, é sacanagem. Tem que ter tirinha, irmãozinho!

Diego Barboza, segundo quase uma dezena de críticos do Rio, o que é uma multidão se tratando de poesia, é o poeta da geração.

★

Jussara Lessa está certa, as letrinhas do jornal dificultam muito a leitura. Principalmente, dos textos em prosa. Na opinião deste ouvidor, o único defeito da diagramação do **Relevo**.

★

Daniel Zanella, nobilíssimo editor, vou ser demitido?

Essa coluna serve como crítica aberta e sincera ao conteúdo e à forma do **Relevo**. O tal do ombudsman é um ouvidor, um representante dos leitores, o responsável pela crítica ao jornal dentro do jornal e sem interferência dos donos do jornal. O alvo sempre é a edição anterior. Assumi a tarefa de ser o ombudsman do jornal por um ano, comecei em janeiro. A escolha é fazer um mandato literário: de apresentar o jornal e narrar as impressões de novos leitores. Os escolhidos, em tese, serão escritores, editores ou qualquer coisa (viva, ou quase). Prometi o número de um orelhão – telefone público de rua, dá um Google aí, jovem guarda revolucionária –, mas ainda não consegui um em plenas condições de uso na Cidade Maravilhosa. Por enquanto, me xinguem, com o devido carinho, pelo e-mail [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com). Sugiro ao editor do jornal que incentive a arte de Catarina: envie cola, tinta e canetas. Sem dúvida, Catarina vai compor uma bela colagem. Ah, por favor, mandem os jornais atrasados para o William Saab!

*Rio, janeiro, dezenove do um  
Sol, muito sol*



Bárbara Pinheiro Baptista

# Encontro com Otávio

“MAIS DOIS CHOPEIS, POR FAVOR”.

Lulu já sentia o corpo derretendo, o sorriso mais frouxo.

“Como que você tá? A gente não se vê faz tempo, né?”

Evitavam temas profundos. Os últimos livros marcantes, restaurantes que gostavam, eventos pela cidade.

Iriam pra outro bar, aquele fechava meia-noite. Mandou mensagem cedo perguntando se Otávio estava livre e se topava sair de noite. Falam que é na segunda que se pode dar um veredicto. Contato que vale repetir, esquecer ou deixar na reserva.

“Quer ouvir um sambinha?”

O tema do bar era carnaval. Camisas penduradas de agremiações em varais pelo teto, no canto uma prateleira com fantasias, adereços coloridos de desfiles passados e uma roda de músicos no centro do local. Coroas experientes, principalmente o do violão, que tocava de olhos fechados.

A menina Lulu dançava as que sabia, nas outras só aproveitava os beijinhos na nuca. Usava um vestido de manga longa de tricô de tons terrosos que deixava seus ombros bem à mostra, embora tivesse jogado por cima uma echarpe verde escura. Protegia seu pescoço de caramelo e jasmim. Ele, manga longa branca, calça mescla ajustada, mas não muito. Noite fria, tecidos encorpados, beijos ébrios e as mãos já entrelaçadas a caminho da casa do sujeito. Passam por uma praça movimentada. Há muitos outros bares e casais que também vestem suéteres.

“Bem-vinda de volta!”

Não se viam há meses. A primeira transa foi confusa, como quase sempre.

Suficiente pra sustentar algum interesse. Ainda assim, lembrava o nome da rua e o caminho pro quarto. Na mesinha de centro, um García Márquez. No sofá, dois corpos desejanter. Ânssia da saudade.

Tateou Lulu com urgência, agarrando os peitos miúdos. Veio sem sutia a safada, pensou. Lambidas, baixa a calcinha azul-marinho rendada, se acomodando no colo. Tinha satisfação em olhar a cara embaçada de Otávio. Sussurrava “gostosa” enquanto descia, explorando-a milímetro por milímetro. Selinhos na direção do umbigo. A cabeça metida entre as coxas.

Muita pressão, pouco ritmo. Ela dava as coordenadas do seu prazer.

“Mais em cima, mais rápido! Agora mantém!”.

Ordenava em tom delicado, instruía didaticamente.

Esforado no começo, já suave. Retribuiu com gosto, improvisou coque e exibiu os talentos. Orgulhosa em ver o revirar de olhos, até pediu que ele a conduzisse um pouco. Realizar fetiches era do seu agrado.

Confundiam pernas e Otávio podia ensaiar seu desejo ali, em movimentos de vaivém. Provocava, insinuando. Pinzelando.

“Isso é tortura? Você não vale nada mesmo, né?”

“Nunca disse que valia”

Numa pose cinematográfica, cabeça encostada no travesseiro à espera. Entregue ao tipinho de beleza mediana, selecionado pelo algoritmo num sábado de baixa temperatura e poucas opções disponíveis.

Dedinhos se estimulando enquanto o parceiro delirava, dando tudo de si. Tomba

ao lado de Lulu com uma expressão entre o alívio e a exaustão. Na JBL na mesinha de canto, o refrão de alguma da Erykah Badu. Mulher sensorial, do tantra e das velas perfumadas. Mas vestida de descolada casual aquela noite.

Esperar o efeito do êxtase passar e sentar na cara do sujeito com afinco até terminar toda contorcida. Gilete batida com um propósito.

“Calma aí, preciso de um tempo. Fica agarradinha assim comigo, vai”

Performance de afeto no intervalo. Lulu até apreciou o carinho inesperado, se aconchegou ali, um tanto ansiosa para o fim daquele pit stop. Sua vez de ser servida. “Desce aqui de novo?”

Com cara de cansaço (a contragosto?) se enfia desajeitado e atende ao pedido, perseverante de que em alguma hora ele acertaria.

Reparava as dobrinhas entre o umbigo, as pernas compridas, grossas. A tatuagem na panturrilha retratando a si próprio entre os arcos da Lapa. O eu boêmio marcado na pele. Também tinha a batata da perna rabiscada, mas qual seria sua próxima? Queria algo pequeno dessa vez, quem sabe uma frasezinha no antebraço. Não deve doer mais do que a das costas... Nada muito clichê, que seu eu de dos “enta” não se envergonhasse.

“Ai! Dói assim!”

Tem entradas profundas, alguns fiozinhos brancos. Mas os traços árabes são o charme. Cheiro de citronela. Ainda não sentiu mosquito... Podia ter ligado o ar, que economia é essa? Dedada. Mais forte. Melhor.

Lulu não para de pensar na mancada que foi não ter medido a geladeira antes

de comprar. Agora ela fica um tanto ridícula ali na sala, descontextualizada. Mas a planta em cima deu um toque legal, uma coisa meio geração Y. Tevê na sala e no quarto, por que será?

Cabeça pra fora.

“Faz como se tivesse discotecando, sabe?”

“Hmmm... Deu câibra na língua, Lulu, e minha energia sexual tá no final...”

Desapontada, ela faz beicinho e um olhar pidão, suplicante. É envolvida em um abraço. Fica agridoce.

“Faço na próxima, tá?”

Consola com uma promessa.

“Que horas boto o despertador?”

“Pode ser nove”

“Dez é melhor. Quer assistir alguma coisa?”

Prefere desligar o cérebro. Algum pastelão que ofenda a inteligência de ambos, mas ela sugere Spike Lee depois de um tempo navegando por diferentes sinopses. Dormem depois dos créditos iniciais.

De manhã arrisca um assanhamento debaixo do cobertor. Roçadinhas de bom dia. Sem retorno, aborta as investidas.

Tomam café sem açúcar, falam sobre a especulação imobiliária no Rio de Janeiro, marmita congelada e vizinhos.

Camada de batom grená pra encobrir o roxinho no canto do lábio. Precisava marcar assim? Usa o enxaguante bucal sem pedir. Ajeita os fios de lado, molhando os tufinhos arrepiados da frente.

De olhinhos borrados de rímel, Lulu parte. Volta pra casa — um partido alto no fone e uma cena específica que vira e mexe retorna à mente.

*você tem  
um livro de poesia?*

*nós temos  
seus leitores*

*envie um email para  
contato@faziapoesia.com.br  
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia*



+ de 1.500 títulos  
publicados desde 2012  
www.editoralitteralux.com.br

Editora  
**Litteralux**  
Porque livros iluminam



12 anos



Estamos recebendo originais:  
originais@editoralitteralux.com.br

Rodrigo Kmiecik

## Olaria



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Grito da mata, anunciando a sorte  
No agouro do canto dum urutau.  
Fazendo lembrar histórias de morte  
Que sempre começam pelo final.

Distante dos vapores capitais  
E da sujeira, ruas barulhentas,  
No seio do mato, dum sítio esguio,  
Que se chega por terras lamacentas.

Havia um círculo, qual ritual,  
Rodeando figura branca e dura.  
Olhos fechados e corpo esticado,  
Cortado na faca da roupa escura.

Repousava quieto, manso e sozinho  
Como repousam a relva e o capim.  
Num sonho vazio e despreocupado,  
Vai finado dormindo, dorme enfim.

Vinha o padre, muito sério e importante  
Levantando a cruz para os fiéis seus;  
E falava as palavras necessárias.  
Depois silêncio, trabalho de Deus.

Nessa morte, nos vários enlutados  
Há um passado e também uma história,  
Que o filho amarga, escarra cuspidando,  
Como se cuspisse a própria memória.

Porque foi cena igual aquela mesma,  
Quando chegou sem saber que chegava  
No colo dele agora morto, o pai.  
No colo daquele que não sonhava.

Decidiu, naquela quietude toda,  
Fincar ele mesmo a cruz de madeira.  
E daria festa dentro de si,  
Como quando concluída a cumeeira.

Tal túmulo era casa terminada  
De habitante só, enfim sepultado.  
Como se pudesse esconder na pedra  
As lembranças dum menino açoitado.

Depois da morte do pai fez mudança  
Para a casa que o velho antes ergueu.  
Mulher morta, foi dela a feia chaga;  
Filho nos braços, era mesmo o seu.

E seguiram anos naquela terra  
Dos matagais imprestáveis, da lama,  
Do silêncio nos quartos, noites frias,  
No frio sozinho da velha cama.

Num berço azul a criança dormia,  
Crescia quando podia, assim.  
Berço feito de imbuías serradas,  
Sequestradas na mata do sem fim.

Lembrava das pranchas, grossa madeira,  
Fruto dos golpes dum velho machado.  
Podia ouvir ecos, mas não sabia  
Se vinham do presente ou do passado.

Quão feia pode ser uma tal casa  
Quão doente pode ser uma vida  
Fecundada no útero da sombra  
Rasgada, violada e reprimida.

E no berço azul o neném cresceu,  
Virou moço, também homem, herege.  
Para cuspir à memória do pai,  
Demiurgo cruel que se auto elege.

Para rebelar-se ao pai igual outro  
Naquela terra infértil, pestilenta  
Onde não brotam nem roça nem pasto.  
Mingua sem dó o que plantar se tenta.

Deve ser o veneno desta terra,  
Que injeta fundo no homem, no sangue;  
Que pensa ser seu senhor, mas é só  
Escravo do lodo, brejo, do mangue.

Mas ele, depois de ver o pai morto,  
Morto como o avô, os velhos em filas,  
Pediou a Deus e tentou descobrir  
O que fazer com tal terra de argilas.

Não queria ser outro filho igual,  
Sorrir a morte do pai num caixão.  
Assim com lápis traçou num papel  
Esqueleto prédio saindo do chão.

E vieram homens, dezenas de homens.  
Vê o vermelhão? Das terras barrentas  
Que eles cavoucaram com as enxadas  
E delas tiraram formas cruentas.

Nenhum verbo; substantivo concreto:  
Pó, suor, ânsia. Argamassa sintática.  
Castelo, olaria, covil de monstro,  
Leis de fantasmagórica gramática.

Pelas mãos secas, olhos encharcados,  
Como a terra das cheias, das nascentes  
Que inundaram mil crânios enterrados,  
Cemitério aguado daquelas gentes.

Cruentos tijolos, fogo dos fornos  
Secando e endurecendo feito um homem.  
Para erguer construção antes traçada,  
Fazer duro o que todas chamas comem.

Queria ele exorcizar o Diabo  
Em cada um dos tijolos do prédio,  
Entre as vigas e ferros do futuro.  
Era este o seu derradeiro remédio.

Fazer da terra que o pai cultivou,  
Como tentou seu avô e o pai antes,  
Com o gado, a mandioca e o café:  
Tudo em vão, ainda que beligerantes.

Eles lutaram contra a mão dum Deus  
Que não queria que nada brotasse.  
Mas resistiria, enfrentaria a ira,  
Nem que com o Diabo concordasse.

Ergueria ali mesmo uma olaria  
Com tijolos de barro desta terra.  
Prédio que traria consigo o fim,  
Daquela ancestral e íntima guerra.

E feito no fogo dos muitos fornos,  
O tijolo duro fez-se irmão de outro.  
E do chão que recusou qualquer vida  
Surgiu um grande prédio natimorto.

A planta baixa tornada matéria  
Era olaria de transformações,  
Que da argila do sítio feito fábrica  
Fazia lajes, novas construções.

Podia ver, sentado na varanda,  
Carroças pesadas, tijolos retos,  
Subindo a estrada, rumo à cidade,  
Para servir à ordem dos projetos.

Cidade crescendo, ele pensava  
Erguida com tijolos da olaria.  
Servindo ao sonho dos engenheiros  
Com tijolos que da argila fazia.

Dentro do inferno, fornos incansáveis  
Que mil demônios faziam o expurgo,  
Secando a água, enrijando o brejo:  
Gênese vil dum novo demiurgo.

Mas dentro de tal fogo inesgotável,  
Meio dum noite sem data e hora,  
Diabos trabalhando sem parar,  
Enlouqueceram e saltaram fora.

Galgaram estopa, vigas e caibros  
Que sustentavam o seu duro sonho.  
Queimaram enfim a olaria inteira,  
Abrindo na terra um talho medonho.

Acordou o homem fraco, com o clarão  
Das chamas comendo sua vitória.  
Faziam voltar figura dum morto.  
E engolir um escarro de memória.

Ouviu retumbar um trovão distante.  
Chegou depressa, com brutalidade.  
Mas a chuva não caía ali em cima  
do incêndio, poupado da tempestade.

Pois chovia na cara aquelas lágrimas  
Feito facas talhando o próprio rosto,  
Assistindo à olaria ardendo,  
Frágil homem, ao destino exposto.

Só quando inteiramente destruída  
A olaria cedeu à chuva brava,  
Instaurando aquele cheiro amarelo,  
Enxofre ranço que dele zombava.

Voltou para a velha casa silente  
Rumo ao berço, cruzando o umbral  
Encarou seu filho sem mãe, dormindo,  
Trazendo nas mãos agudo punhal.

Se era sangue que a terra então queria,  
Da criança certamente era pouco.  
E voltou às ruínas da olaria,  
Deitando nos escombros feito louco.

Impassível nos carvões do destino,  
Acomodado entre as cinzas do leito,  
Repousando no silêncio da noite,  
Dois furos quentes no meio do peito.

No ventre da ruína assassinada,  
Onde minguaava sem rito final,  
Ouviu um réquiem antecipado:  
O canto agourento dum urutau.



Chloé, uma garota de onze anos, vive sozinha no fundo da casa de seus pais. Organizando-se entre animais, viagens, amizades, árvores e banheiras, a protagonista mantém-se independente e permeável. Seu monólogo interior fragmentado, impregnado de percepções de uma inteligência rara, vai se definindo por meio da tensão entre qualidades opostas: a perspicácia se mistura com a ingenuidade, a ternura se transforma em sarcasmo, e a inocência, em certos momentos, pode revelar-se inquietante.

Climático, introspectivo e sutilmente impressionista, *Hidrografia doméstica* é o primeiro romance do escritor argentino Gonzalo Castro. A tradução é de Emily Bandeira.

Para adquirir o livro: [relatarse.com/hidrografia-domestica](http://relatarse.com/hidrografia-domestica)

Mabelly Venson

## Conselho para acordar bicho morto

**E**ra uma mulher decente. Dormia cedo e acordava todos os dias às seis da manhã. Vestia uma roupa larga que não lhe marcasse a bunda, porque uma professora não mostra a bunda para os alunos, e colocava a água para ferver, limpava a areia do gato, bebia uma xícara de café preto melado de açúcar, beijava o marido sem língua, porque é assim que os casais casados se beijam, e caminhava vinte minutos até a escola onde ensinava biologia para aqueles desgraçadinhos que não ouviam nada do que ela tinha a dizer. Assim que era. Assim tinha que ser.

Mas era primavera. E porque havia dormido com coceira no hímen acordou atrasada.

Vestiu a roupa larga e, como não ferveu a água, não sentiu o gosto do açúcar sobre o café, muito menos beijou o marido ou limpou a areia do gato. Apressada, bateu a porta e voou pelas escadas. E porque era primavera e o ar era morno, os passarinhos cantavam nos galhos das árvores à procura de sexo. Mas ela não ouviu. Era uma mulher decente e uma mulher decente não mostra a bunda para os alunos, nem ouve passarinhos tarados, muito menos assina uma advertência por chegar atrasada ao trabalho. Não vendo perigo em nada, caminhou com força. Os pés úmidos dentro da sapatilha marrom.

Planejava chegar na escola, fazer cara de coitada e pedir desculpas. Talvez inventasse uma doença, outra coceira, psoríase, sei lá! Brincava de mentir para si mesma, satisfeita em parecer humana e perecível.

Tudo daria certo, não fosse o homem sob a marquise, pintando de preto as unhas dos pés. Poderia ser outro invisível, mas ele a chamou.

*A senhora tem fogo?*

E se lembrou de que era uma mulher decente, e uma mulher decente não nega fogo a ninguém, e aquele era um pobre coitado em situação de rua que só queria fumar um cigarro. Ela? Ela só tinha pressa.

*Tenho, o senhor quer um cigarro também?*

*Não, não. É só pra acender uns incensos.*

*Toma, pode ficar com o isqueiro.*

*Certeza que não quer um cigarro?*

*Não, senhora — riu com os poucos dentes. Minha pira é a meditação.*

*Menos mau assim. Tenha um bom dia.*

*A senhora também! E se a senhora me permite, posso lhe dar um conselho? Dizem que se conselho fosse bom a gente não dava, né? Mas eu gostei da senhora.*

E ela, que nunca havia chegado atrasada ao trabalho e também não mostrava a bunda para os alunos, assentiu calma em desespero. Era certo que aquele homem, com a tranquilidade de quem medita e pinta de preto as unhas dos pés, sabia que ela, apesar de ser uma mulher decente, fumava escondido meio cigarro por dia, mas isso nem pode ser considerado um vício.

*Senhora, escuta o que eu digo: nunca faça sexo na rua.*

Algo tremeu dentro dela. Riu para o homem. Riu de si mesma. Uma lufada de ar despenteou seus cabelos e num súbito ouviu os passarinhos. Sentia seus gozos pulando de galho em galho. Corou de prazer. Tocou os lábios com a ponta dos dedos e distraída, voltou por onde veio.

Alguns passos depois parou em frente a uma vitrine.

Corpos de plástico.

Os corpos rígidos.

Os corpos vestidos com lycra

jamaiz trairiam o café com o açúcar

a boca com a falta da língua

a bunda com a covardia do poliéster.

Viu seu reflexo refratado nos manequins.

Riu

censurável

e

reconhecida.



**Descubra o extraordinário no ordinário com "Cartografia das Miudezas"!**

**Gabriella Ane Dresch** estreia na literatura com "Cartografia das Miudezas", unindo densidade e leveza em **39 histórias que criam um mapa delicado em palavras**. Lançado pela Editora Patuá, o livro aborda temas como gênero, migrações e desigualdades, transformando o cotidiano em relatos universais que ressoam com todos.

Adquira já o seu exemplar em [www.editorapatua.com.br](http://www.editorapatua.com.br) e embarque nesta jornada literária!

Kleber Albuquerque

Poemas integrantes de *Eu não sei falar de amor* (Editora Sinete, 2024). A maioria dos poemas pode ser encontrada na playlist do Spotify intitulada *eunaoseifalardeamor*.

## manjedoura

ferve o pano de chão  
prepara a manjedoura  
vem chegando mais um  
pra dividir o cafofo  
mais uma boca no mundo  
mais um pra ficar chorando  
mais um perdido na vida  
mais um porteiro de prédio, se estudar  
ferve o pano de chão  
que longe vêm os reis magos  
eles trazem farinha, fumo e metralhadora  
chama o pai do garoto pra conhecer o bastardo  
que vem mais um quase nada  
mais um pra chorar de fome  
mais um pra levar tiro  
mais um servente na obra  
mais um bandido no morro  
mais um perdido na vida  
mais um pouco  
mais um torto  
pra se segurar na mão distraída de deus

## canto para aldebarã

alá soprou um fio de lã do cobertor  
que encobria o brilho da manhã  
nasceu a estrela mais bailarina  
minha peregrina aldebarã  
quem vem de lá por talismã traz uma flor  
reluzindo dos seus balangandãs  
da clara estrela que ilumina  
nossa misteriosa missão  
quem vem de lá em caravana  
por cabana só a seda azul da imensidão  
vê na estrela sagarana  
misericordiosa irmã  
quem vem de lá sabe que é vã toda a ilusão  
de quem ainda se engana de chegar  
tem na estrela lamparina  
um brilho a desancorar o olhar  
quem vem de lá bem sabe que de longe vem  
bem sabe o quanto ainda que tem  
por prosseguir, por conseguir, por alcançar  
mirando a beira do porvir  
seguindo a trilha daquela estrela sufi  
já sabe bem que o mais além é logo ali

## eu não sei falar de amor

eu não sei falar de amor  
os contadores sabem  
os professores  
os motoristas de táxi  
é só o que fazem  
o homem com gel no cabelo  
esse certamente entende tudo de amor  
e eu não sei falar de amor  
os escreventes sabem  
os despachantes  
os astronautas  
desses então nem se fala  
os operários no pátio da ford  
repetem palavras de amor  
os militares preparam-se para a parada do amor  
os cegos decifram com a testa no braille do muro  
a palavra amor  
e eu não sei,  
eu não sei  
eu não  
eu não sei falar de amor  
nas cadeias moleculares  
na valsa do imperador  
nos olhos da avó mortinha  
na boca de quem me amou  
de mim nenhuma palavra  
minha voz não se banhou  
nas águas da fonte  
do rio da palavra amor  
e eu não sei  
eu não sei  
eu não  
eu não sei falar de amor



---

# III ENCONTRO DA REHAB PARA STARTUPEIROS, 2025

---



— Boa noite, pessoal. Eu sou o Eduardo, todos vocês já me conhecem. Vou passar a palavra para cada um se apresentar aqui no nosso terceiro encontro da Rehab para Startupeiros. Estou muito orgulhoso dos nossos avanços (ou o que paramos de regredir) até aqui. Pois bem, vamos em sentido horário. Manda bala, Marcinho.

— Oi, pessoal, boa noite. Como o Edu falou, eu sou o Márcio. Tô vendo que alguns de vocês já me conhecem por aqui. Pois bem, eu sou criador do FilaFácil, o app pra quem quer guardar lugar na fila de shows, eventos etc. Digo, pra quem queria. Estamos... *on hold*. O que aconteceu foi complicado. A gente já tinha recebido algumas rodadas de investimento, eu entrei naquela lista da Forbes (oi, Babi!). Aí... bom. Tudo começou numa fila, naturalmente. Isso já faz uns seis anos. Tava de papo com uma novinha, aí ela me falava sobre feminismo, diversidade, umas coisas assim, e eu fingia prestar atenção. Fingia tanto que acabei confirmando pra ela que nossa empresa, além de totalmente alinhada a parâmetros ESG, tinha times dedicados a inclusão e essas paradas. Lugar de fascista é sei lá onde, fogo em não sei quem. Quando ela quis conferir, tive que criar tudo isso. Sou um cara apaixonado, segui meu coração. Nosso app abraçou – meus sócios ficaram pu\*\*s. Até que, depois de um relacionamento poliamoroso unilateral de três anos, ela se cansou de vez de mim. Fiquei malzão, porém me apaixonei de novo – renasci – há um ano. A questão é que minha atual... companheira... odeia “lacrção”. Ela fala muito sobre cultura “woke”, que eu pensei que fosse um chiclete. São verdadeiros discursos, e, bom, eu também não presto tanta atenção e, como já falei, sou um cara apaixonado. A questão é que o FilaFácil agora é um app contra “lacrção” e “ideologia de gênero”. E os usuários ficaram meio confusos, né. Não é como se a gente já tivesse muitos ou eu não tivesse torrado todo o caixa em banner de marcha estudantil. Por que é tão difícil todo mundo entender que eu só não consigo ter uma personalidade própria

— Obrigado, Marcinho. Reconhecer seu vazio é um ótimo primeiro passo. Gui?

— Boa noite, gente. Eu sou o Guilherme Carrasco, do EcoGuilt. O EcoGuilt é um *game* — ou melhor, uma experiência — que te humilha por não ser sustentável o suficiente. O app calcula a pegada de carbono do usuário, recompensando comportamentos honrosos para o planeta e punindo cada pequena falha, porque não temos mais tempo a perder. O conceito é simples: quer ser um herói do planeta? Jogue! Não separou o lixo? Cartão de crédito bloqueado por um dia. Deixou a luz acesa? Acesso à Netflix bloqueado. Comprou uma passagem de avião? Parabéns, pedaço de bosta, você acabou de destruir a Amazônia. Enfim, as pessoas amaram. Elas queriam ser humilhadas e, principalmente, fazer comparações. Era catártico. “Ao menos eu me importo, Guilherme!” — diziam nas redes sociais, enquanto compartilhavam *prints* do nosso ranking semanal de PlanetHelper. Só que... quanto mais visibilidade a gente tinha, mais gente vinha apontar o dedo pra mim. “Como um jogo sobre sustentabilidade consome tanta bateria de celular?”; “Você sabia que isso aumenta a pegada de carbono?” [Sim, sabia. Só não tinha pensado nisso antes]; “Por que o EcoGuilt é tecnicamente um jogo de azar registrado nas Ilhas Cayman?” [...]. E aí veio o *backlash*. Pessoas deletando o app enquanto postavam no Twitter com hashtags como #HipocrisiaVerde. Gente mandando e-mail dizendo que o EcoGuilt era um experimento psicológico pra gerar ansiedade coletiva, nos comparando ao Experimento de Aprisionamento de Stanford. Basicamente, a gente conseguiu irritar todo mundo. O público casual. Os ecofreaks. Os negacionistas climáticos. Até minha equipe de TI tava brava comigo porque o servidor vivia sobrecarregado e o app era um inferno pra atualizar. No fim das contas, descobri que certo estava o jacaré que nada de costas. Ah, e tomar no c\* esse planeta também. F\*\*\*-se. A minha parte eu fiz. Eu acho. Sei lá, ainda não entendi direito esse bagulho de crédito de carbono — é tipo uma ficha no Hopi Hari? Tá tudo nas Ilhas Cayman mesmo.

— Parabéns, Gui... Eu acho. Toninha?

— Boa noite. É... eu sou a Antonia Vilano. Quase investi na empresa do Carrasco. Mas, sabe, depois que o EcoGuilt explodiu — e afundou logo em seguida —, eu fiquei obcecada. Não podia aceitar que o projeto tinha morrido assim, na mão de um idiota chupa-c\*. Um zé bu\*\*\*a desses. Eu precisava de algo novo, melhor (e, com todo respeito, menos gay). Algo maior. Algo que... resolvesse o problema de verdade. Aí veio a epifania. A gente não polui só quando consome, viaja ou usa plástico. Não. A gente polui só de estar vivo. Cada. Respiração. Sua. Solta CO2 na atmosfera. E é um ciclo infinito, né? Respira, exala, aquece o planeta. Respira, exala, aquece o planeta. E foi aí que nasceu o BioBreath. Um app revolucionário. Mais elegante, mais eficiente, e, claro, mais \*limpo\* que o EcoGuilt. Ele usa inteligência artificial pra monitorar sua respiração em tempo real. Cada expiração, cada suspiro é registrado, calculado, e, claro, julgado. A mecânica é, modéstia à parte, brilhante. Quer reduzir sua pegada de carbono? Simples: prenda a respiração. Quanto mais tempo você aguenta sem soltar CO2, mais créditos de carbono você ganha. A gente também criou um ranking global. Pessoas literalmente competindo pra ver quem aguentava mais tempo sem respirar. Teve gente que treinou apneia por semanas. Recebíamos vídeos no suporte técnico de pessoas mergulhando na banheira pra acumular créditos. Foi um sucesso. Por um tempo. Mas, é claro, o sucesso não dura quando você tá cobrando as pessoas por uma existência mais justa. A crítica veio rápido. “BioBreath é desumano”; “BioBreath promove ansiedade climática.”; “BioBreath quer que a gente morra pra salvar o planeta”; tudo verdade, e daí? Criaram categorias de pornografia no XVideos de experienciadores do BioBreath, uma coisa meio BDSM, hard mesmo. A cereja no cu? A Apple bloqueou nosso app por — segundo eles — promover asfixia voluntária. Desculpam, estou ficando sem ar. Eu desenvolvi uma técnica.

— Obrigado, Toninha. Mas se acalma, por favor. Luiz!

— Boa noite... eu sou o Luizinho do Posto. Criador do VoteFácil, o app que prometia revolucionar as eleições de síndico. A ideia era simples: você baixava o app, fazia seu cadastro e... comprava votos. Ou vendia. Dependia da sua posição no condomínio. Achei que era genial. Transparente até. Ao menos todo mundo ia saber o preço de um voto. Mas, claro, deu m\*\*\*a. Primeiro, teve aquele lance de fraude no pagamento. Gente recebendo voto que não pagou. Gente pagando e não recebendo voto. Eu disse pra equipe que o *gateway* de pagamento tava pronto. Não tava. Depois, os síndicos começaram a usar robôs. Tipo, perfis falsos pra inflar a votação. O VoteFácil virou um leilão, e eu nem sei como, mas teve prédio elegendo síndico com 200% dos votos. Aí veio a polícia. Alegaram que o app incentivava a corrupção. Mas, sério, corrupção? No condomínio? É só um síndico, gente. Não é o Congresso Nacional. No final, eu perdi tudo. Descobriram que, em 2008, eu tinha feito um cachorro no posto do meu patrão. Encontraram uma nota falsa de uns Playstation que eu vendia lá no bairro, da época que eu ia pro Paraguai. Meu nome, agora, tá no grupo de WhatsApp de todos os moradores de condomínio do país. Como exemplo de... sei lá, mau exemplo no geral. Mas eu só queria simplificar as coisas. Hoje eu moro de aluguel. Nem participo mais das reuniões de condomínio. Nem sei quem é o síndico. Melhor assim.

— Sua pele tá melhor mesmo, Luiz. Sua vez, Luciana.

— Boa noite, pessoal. Meu nome é Luciana. Estou aqui porque também me perdi. Talvez vocês se lembrem de mim por conta da

Dingo Bells, o app que recolhe mendigos para utilizá-los como decoração em eventos e feriados, como Natal (óbvio) e Páscoa (nossa Black Friday). Era pra ser uma causa social. Um app que ajudasse nossa região. Um troco extra para quem precisa. Bom, deu tudo errado. Era um evento de Natal no bairro mais chique da cidade. Aquelas festas de revista, sabe? Champagne, música clássica ao vivo, tudo com cheiro de pinheiro importado. Contrataram a Dingo Bells pra dar um toque “humano”, um charme natalino com... bem, pessoas em situação de rua, vestidas de Papai Noel e ajudantes. A lógica era simples: eles ganhavam um troco e um prato de comida, e os convidados podiam se sentir generosos tirando fotos com eles. “Natal é sobre inclusão”, eles diziam. Mas ninguém parou pra pensar no básico. Tipo... quem a gente tava levando pro evento. Na correria, a equipe agendou um caminhão cheio de “colaboradores” sem nem verificar direito quem era quem. Resultado: estacionamos na entrada da festa um grupo de uns 15 caras. Sujos, completamente bêbados, alguns gritando que eram Jesus, outros tentando vender as decorações que a gente tinha dado pra eles. Teve um cara — não lembro o nome, mas chamavam ele de Dingo Rei — que subiu no palco e pegou o microfone no meio do coral de crianças. Disse que era o verdadeiro dono do Natal e tentou se masturbar. E o público? Estarrecido. Enquanto isso, outro grupo de “dingers” tava no bufê. Não só pegaram toda a comida, como começaram a distribuir entre si numa fila organizada, tipo uma operação humanitária. Até aí, ok. Só que um deles começou a rodar uma seringa. Um senhorzinho gritou: “Alguém pare esse homem!”, e o outro respondeu: “Senhor, eu sou o espírito do Natal Passado!”, e aí virou uma correria. Nossos colaboradores roubaram a maior parte dos talheres. No final, envergonhadíssima, fui chamada pra uma reunião com os organizadores. A Dingo Bells, que já tinha um ou outro *case* legal, acabou ali. Uma pena.

— Já ouvi ideias piores, Luciana. Vai daí, Lari! Depois *coffee break* e a gente retoma de onde parar.

— Meu nome é Larissa, mas o pessoal me chama de Puxa-Puxa. Eu... bom... meus pais são corretores, mas tiveram uma vida muito instável. Cresci ora jantando nos melhores restaurantes, ora dividindo pacote de bolacha. Eles ganhavam pouco, investiam mal, ganhavam muito, torravam tudo. Enfim, por conta deles — e com base nas dificuldades deles —, cresci com a ideia de que imóveis são o único investimento sólido. Também cresci com a ideia de que maconha é bom pra c\*\*\*lho. Misturando as coisas, num estalo (eu tava completamente chapada, como acontecia em 70% do tempo), eu sequelei num só raciocínio. Veio a ideia de uma imobiliária que só vende imóvel “na planta”, se é que me entende. E pra quem não entende — eu achava que todo mundo entendia, mas percebi que nem todo mundo cresceu bolando um só com dois dedos —, eu queria construir e negociar imóveis com plantações de maconha, espaços de fumo, salão de larica. Com “sauna”. Enfim, assim saiu a ConstruFolha. Como toda startup, tinha muita ambição. Como algumas startups — as mais ou menos divertidas —, tinha muita maconha também. As pouco divertidas não têm nenhuma maconha, e as muito divertidas têm substâncias mais legais. Enfim. A gente queria ser construtora, empreiteira, imobiliária. Tudo. E aí... aí eu acabei me perdendo. Muitas vezes, esquecia de fumar pra ficar 100% concentrada na minha empresa, no meu sonho. Fui ficando cada vez mais distante de mim mesma. Uma vez, o Gui, nosso Head de marketing, me ofereceu um *blunt* sinistro, mas eu... eu... [chora copiosamente].

# Uma não tão breve história do tipo

## Parte 2 - por Daniel Zanella

*Segunda parte do trecho da tese “Humor e representação na seção literária ‘Tipos Brasileiros’ da revista piauí”, a ser defendida em início de 2025.*

György Lukács, em contraste com James, explora a tipificação no contexto do romance histórico, localizado em dois momentos: no romance social do século 18 (Henry Fielding, Jonathan Swift, William Thackeray) e na nova percepção da história que surge na Europa transformada pela Revolução Francesa. Em *O Romance Histórico* (2011), ele argumenta que as personagens devem expressar a totalidade das tensões sociais e históricas, mesmo que representem apenas um segmento específico da realidade. “Diz, por exemplo, que todas as heroínas de Walter Scott, com raras exceções, representam o mesmo tipo de mulher inglesa filistina e correta e normal”. A obra, então, revelaria os mecanismos mais ou menos ocultos da realidade social.

Aqui, o romance histórico seria capaz de revelar as contradições de uma época ao conectar experiências individuais a processos sociais mais amplos. A tipificação, nesse contexto, é uma *ferramenta* para tornar essas conexões mais acessíveis ao leitor. Também por isso, os tipos emergem gradualmente. A interação entre personagens e seu ambiente social define sua tipicidade, que é construída ao longo da narrativa e atinge seu clímax no confronto de ideias e valores.

Lukács (2011) cita escritores como Walter Scott e Balzac como exemplos no uso de tipos literários, com maior ênfase ao papel de Balzac: “é o escritor que desenvolveu da maneira mais consciente o impulso que Walter Scott deu ao romance, criando assim um tipo superior e até então inédito de romance realista”. Em Balzac, o tipo literário aparece como o “homem médio”, que encarna aspectos positivos e negativos de um movimento histórico, integrando forças distintas na narrativa.

Interessante notar como Lukács aborda o ponto de vista de Aleksandr Púchkin, poeta, escritor e dramaturgo russo da Era Romântica, de que o dramaturgo popular tem uma liberdade de movimento muito maior em relação a seu material e a seu público que o dramaturgo palaciano, “que, na realidade ou em sua imaginação, escreve para um público social e culturalmente superior a ele”.

É uma perspectiva que se aproxima quase sem querer do tipo popularesco e carnavalizado de Mikhail Bakhtin, que define tais conceitos em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1981), invertendo valores e hierarquias. Assim, apesar dessa problemática na concepção da relação entre o drama e a história – que beira a caricatura –, “não se pode omitir o fato de que esses poetas procuraram o que era realmente dramático, o contato imediato com seu tempo, o caráter diretamente público do drama”.

Na tradição clássica, os tipos eram frequentemente empregados para fins didáticos ou cômicos, em busca da reflexão social e moral por meio de sua previsibilidade e universalidade. Aristófanes, em sua obra, utilizava tipos para satirizar a política e os costumes de sua época, destacando figuras como o demagogo e o cidadão preguiçoso. Partindo de um princípio aristotélico, Milton Luiz Torres, em *A impostura em Aristófanes*, define que “A ‘caracterização do personagem’ (*êthos*) precisa ser ‘boa’ (*chrêston*), ‘apropriada’ (*harmottonta*), ‘consistente’ (*homoion*) e ‘consequente’ (*homalon*)” (2014, p. 24).

Os personagens devem, portanto, seguir quatro critérios de adequação: serem compatíveis com sua classe social (como um operário agindo como um operário), com seu tipo (como uma mulher demonstrando a coragem esperada para mulheres), com a realidade (agindo de forma verossímil) e com sua própria personalidade (mantendo coerência com as motivações previamente estabelecidas). **Triste sina do tipo: ele é escravo de sua configuração.**

E são vários os tipos que passam por Aristófanes. Temos o bufão, um tipo cômico, frequentemente grosseiro e engraçado; o rústico, que representa o oposto do bufão, com traços mais simples e reservados; a heroína muda, figura que acompanha o herói em seu triunfo cômico; o escravo espertalhão, astuto e engenhoso; o velho impetuoso, geralmente vigilante, como o pai zeloso; o soldado fanfarrão, presunçoso e exagerado; o erudito pedante, figura cômica marcada pelo excesso de conhecimento e arrogância. É um desfile de personagens atrelados ao seu limite, que alcança o auge em *Lisístrata – A Greve do Sexo*, a primeira peça feminina de Aristófanes e especialmente obscena, uma comédia de contexto bem específico. A Grécia, depois de derrotar os persas nas chamadas Guerras

**E N C L A V E**

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:

<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Médicas, disputou inúmeras lutas entre as próprias cidades gregas, as chamadas guerras do Peloponeso (431 a. C. a 404 a.C.). A protagonista, Lisístrata, lidera um grupo de mulheres atenienses e espartanas, que, cansadas da guerra, decidem unir forças para forçar seus maridos a terminar o conflito a partir de uma estratégia peculiar: privar os valentes de sexo. Temos, a partir deste mote, um incrível desfile das baixeiras humanas, sobretudo masculinas.

A transição do mundo clássico para a Idade Média trouxe mudanças significativas na estrutura social, na cultura e na literatura. Os tipos literários passaram a refletir não apenas os conflitos e as características humanas universais, mas também as transformações decorrentes do declínio do Império Romano, do surgimento do feudalismo e do aumento da influência religiosa. É nesse contexto de renovação e tensão que emergem autores como **Giovanni Boccaccio**. *Decamerão* (1353) captura a essência de uma sociedade em mudança, inaugurando novos caminhos para a representação dos tipos literários na literatura ocidental. Entre os *novos* tipos sociais emblemáticos, destacam-se o clérigo corrupto, símbolo da hipocrisia e da decadência moral da Igreja; a mulher esperta, que desafia as limitações patriarcais com inteligência e artimanhas; e o mercador trapaceiro, representante da burguesia nascente e sua ganância. Essas narrativas, ambientadas durante a Peste Negra, expõem o comportamento humano em situações de crise, ao mesmo tempo em que satirizam e humanizam seus personagens.

Em **Miguel de Cervantes**, *Dom Quixote* (1605 e 1615) inaugura uma nova era na literatura ao subverter os tipos medievais e explorar as complexidades psicológicas dos personagens. Dom Quixote, o cavaleiro idealista, encarna a tensão entre os ideais heroicos e a dura realidade. Ele é ao mesmo tempo ridículo e inspirador, representando a luta do ser humano por um significado maior, mesmo que baseado em fantasias. Seu companheiro, Sancho Pança, é o contraponto pragmático, mas longe de ser apenas um simples realista: ele traz a sabedoria popular e uma visão mais equilibrada da vida, que ressoa com o “homem comum”. A narrativa é povoada por enganadores e enganados, personagens que utilizam ou sucumbem às ilusões de Quixote, refletindo as dinâmicas de poder e sobrevivência

em uma sociedade fragmentada. Cervantes transforma a jornada picaresca em um atestado de viagem sobre a condição humana.

**Molière**, com suas comédias de costumes, sintetiza defeitos humanos universais em tipos literários que são, ao mesmo tempo, caricaturas e reflexos profundos da sociedade francesa do século 17. Em *Tartufo* (1664), introduz o hipócrita religioso, uma figura manipuladora que se aproveita da fé alheia para obter poder e benefícios, expondo a corrupção moral que permeia tanto o clero quanto a sociedade secular. *O Avarento* (1668) traz Harpagão, o arquétipo da obsessão pelo dinheiro, que sacrifica relações humanas e emoções em prol da acumulação de riqueza. Já *O Burguês Fidalgo* (1670) apresenta Monsieur Jourdain, o burguês ridículo que aspira a imitar os nobres, escancarando as vaidades e pretensões da classe emergente.

**Jonathan Swift**, em *As Viagens de Gulliver* (1726), adota uma abordagem alegórica e satírica para criar tipos literários que funcionam como espelhos distorcidos das falhas humanas. O político corrupto, representado pelos liliputianos e suas disputas mesquinhas, é uma crítica incisiva à política inglesa de sua época. O cientista descolado da realidade, encontrado em Laputa, simboliza a desconexão entre o saber acadêmico e as necessidades práticas da humanidade. Os Yahoos, em contraste, são a personificação da brutalidade e dos instintos mais baixos do homem, expondo a tensão entre racionalidade e selvageria.

**Laurence Sterne**, em *A Vida e Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy* (1759–1767), leva a experimentação literária a novos patamares, rompendo com os tipos tradicionais e criando personagens fragmentados e excêntricos. O narrador caótico, Tristram Shandy, desconstrói a própria ideia de linearidade narrativa, satirizando o ato de contar histórias ao encher sua narrativa de digressões e reflexões – aqui novamente temos o ideal de carnavalização de Bakhtin para o rompimento dos limites na literatura. O filósofo obcecado, tio Toby, fixado em guerras e estratégias, é um tipo que combina o cômico e o melancólico, refletindo a futilidade do intelecto desconectado das emoções. Walter Shandy, pai de Tristram, é o homem metódico que busca controlar o imprevisível, uma figura que simboliza o fracasso de impor ordem em um mundo caótico.

Sterne utiliza esses tipos para criar uma obra que reflete o espírito experimental e questionador do Iluminismo, ao mesmo tempo que humaniza as imperfeições de seus personagens. É um autor que irá influenciar sobremaneira Machado de Assis.

O russo **Nikolai Gogol**, em *Almas Mortas* (1842), une a essencialidade épica ao risível ao apresentar tipos que refletem a corrupção e a inércia moral da sociedade russa do século 19. É uma espécie de *A Divina Comédia* exagerada e grotesca. A abertura já é um exercício de tipificação: “De par em par, abriu-se o portão de uma hospedaria de capital de distrito [...], um desses cochezinhos usados por solteirões, comandantes e capitães de reserva, fazendeiros, donos de uma centena de servos, em suma, todos os chamados ‘nobres da classe média’”. O anti-herói Tchichikov, com seu plano de comprar “almas mortas” (servos falecidos que ainda constam no censo para transações fiscais), é o tipo oportunista, que encarna o vazio moral e a ganância, explorando falhas do sistema. Temos ainda tipos como o idealista inútil (Manílov) e Nozdriov (o tipo impulsivo, briguento). São tipos que refletem as complexidades e os vícios da Rússia czarista, expondo a ambição, a burocracia e a apatia moral.

No Brasil, destacamos dois autores. **Martins Pena**, dramaturgo e humorista, é reconhecido como um dos principais nomes do teatro de comédia no país. Sua obra dialogava com o contexto do século 19, marcado pelas transformações sociais do período imperial. Mesmo com uma carreira curta, devido à sua morte precoce aos 33 anos, Pena escreveu cerca de 28 peças, muitas delas consideradas marcos fundamentais para o desenvolvimento do teatro nacional. Ele é amplamente reconhecido como o criador da comédia de costumes no Brasil e mestre na construção de tipos sociais. Sua obra capturava com agudeza e humor as idiossincrasias da classe média urbana e dos tipos populares da época, apresentando um retrato crítico e divertido da sociedade brasileira. Entre os principais tipos encontrados em sua obra, destacamos o espertalhão ou malandro, que representa o indivíduo astuto, que tenta tirar vantagem de situações, geralmente em busca

de ascensão social ou ganhos pessoais. Este tipo aparece, por exemplo, em *O Noviço* (1845), onde o personagem Ambrósio tenta manipular e explorar a herança de uma jovem órfã. Temos o aristocrata pretensioso, ridicularizado, o tipo que tenta manter as aparências de nobreza ou refinamento, mesmo sem os meios financeiros ou culturais para sustentar tal posição. Também vemos o caipira, representando o homem do interior, frequentemente retratado como ingênuo, mas que, ao longo da trama, pode demonstrar sabedoria prática. Em peças como *Os Irmãos das Almas*, Martins Pena explora a tensão entre o homem rural e o urbano.

Então, temos **João do Rio** no início do 20 brasileiro, o século da motorização. Homem de muitos nomes, ironicamente nascido na Rua do Hospício, na então capital brasileira, foi ele próprio um personagem marcante da Belle Époque, um esteta que desafiava convenções e apreciava a provocação, emulando Oscar Wilde e Charles Baudelaire, sobretudo a figura do *flâneur* – que, com seu foco móvel, não se fixa em nenhum espaço, executando uma visão em movimento. Com uma vocação natural para o Jornalismo, era um repórter de rua, embora visse a empresa jornalística como fonte disseminadora de ilusão. “Vai-se a uma dolorosa festa popular. No outro dia os jornais asseguram que a festa foi um deslumbramento, com duzentas mil pessoas e uma passeata feérica. [...] No dia seguinte os papéis impressos asseguram tanta coisa que a gente duvida de lá ter estado”.

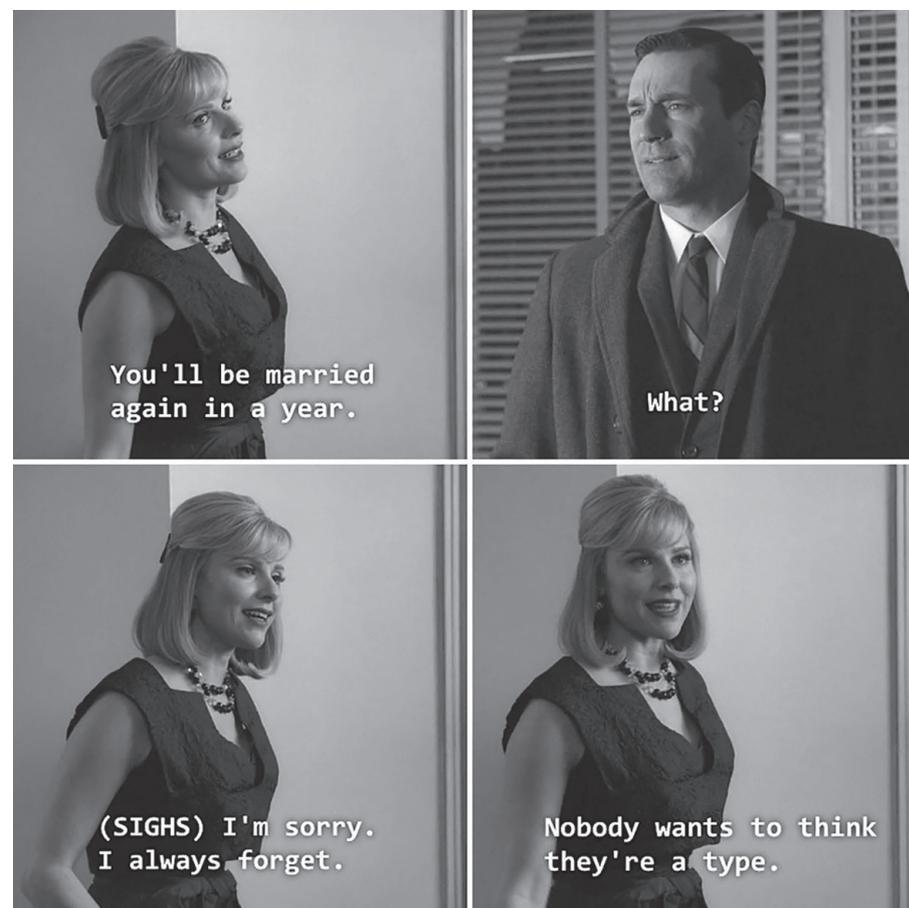
Mais cronista do que repórter, narrador-repórter, na definição de Gens e Oliveira (2012), suas crônicas buscavam elevar o gênero a uma posição de destaque e influência, e seu texto capturava o espírito excludente do progresso, representado pelo cinema e o automóvel, e, mesmo com os ornamentos literários, certos francesismos e adaptações ao ritmo frenético da vida urbana, introduziram uma revolução no gênero.

*A alma encantadora das ruas* foi publicado em 1908, reunindo textos da *Gazeta de Notícias* e da revista *Kosmos*, editada por **Olavo Bilac**. Na rua de João do Rio desfilam os mais diversos tipos urbanos, dos ciganos aos engraxates. Em “Os tatuadores”, o autor explora a prática da tatuagem, na época vista

como um fenômeno marginal e até exótico, ligado a determinados grupos sociais, associado às camadas mais pobres da população ou a marinheiros e trabalhadores manuais. “– Quer marcar? Era um petiz de 12 anos talvez. A roupa em frangalhos, os pés nus, as mãos pouco limpas e um certo ar de dignidade na pergunta”.

**Não deixa de ser interessante como, em pouco mais de um século, um tipo se renova e é atualizado.** A tatuagem atual é adotada por celebridades, atletas, músicos e influenciadores digitais, que a usam como forma de expressar identidade ou estilo pessoal. Isso contribuiu para a popularização da prática e consequente aceitação social em diferentes estratos, em um movimento comum de apropriação da estética do pobre pelo rico – associado ao poder, ao privilégio e à distinção social – ou pelo estabelecido, afinal, o estabelecido não quer ser visto como parte de uma elite desconectada, mas sim

como alguém com autenticidade, histórias e um “lado humano” que o aproxime das massas. Essa apropriação reflete um padrão histórico: práticas e símbolos que originalmente pertenciam a classes populares, muitas vezes marginalizadas, são incorporados por classes mais altas quando ganham um status de tendência ou passam a ser reinterpretados como “cool” ou “rebeldes” de forma aceitável. Quando o fenômeno se solidifica, é apropriado pela classe média, que vê nele uma oportunidade de acesso simbólico ao estilo, às modificações e ao status associado às elites. Esse processo cria um ciclo onde o que era execrável se torna contracultura e depois se transforma em *mainstream*, diluindo parte de seu significado original para se adequar a uma lógica de consumo. O tatuador também segue um tipo, embora reconfigurado pelas mudanças culturais e sociais em torno da profissão.



*Mad Men* (2007-2015).



**BONS  
VENTOS  
trazem  
BOAS  
LEITURAS**



EDITORAMOINHOS  
COM.BR

@EDITORAMOINHOS

Guilherme Vilhena Martins

## O PAÍS

### ERA UM

o esboço era voz:  
balões prateados, fotografia  
de trela, toalha lavada,  
missa ou riviera vazia,  
bolas, frangos,  
turismo, aviões,  
beijos de novela,  
veleiro, estatística,  
cera, sorte especialista,  
natais de televisão ligada,  
marisco estragado,  
comandos, instrução,  
brasões, cavaleiros,  
verões de auto-estrada,  
latires saudosos  
de noite  
em refrão

a cada ano cada nota,  
a cada nota meio quilómetro  
(o meio quilómetro que a cada ano  
o país crescia)

o timbre sumia  
nos muros,  
sondava o fundo  
em flutuar

### ERA DOIS

era hora —  
rindo, haviam  
deixado o templo,  
largado os cabos,  
subido o lume,  
lavado as mãos  
tingindo a casa  
de grená

a rua afundava  
limpa:  
a torre dentro,  
o sal sobre as  
colunas,  
a bandeira já  
sem se ver

chovia sem que  
se importassem;  
mar e céu  
sem vinco,  
fundo pardo,  
cinza igual

no som,  
flutuavam agora  
como frestas,  
sem costa,  
sem marca,  
fracção a nu  
de nuca  
ao redor das copas  
a sumir

como rostos,  
também os arbustos  
pareciam arder

o vento seria  
sono de outra carta

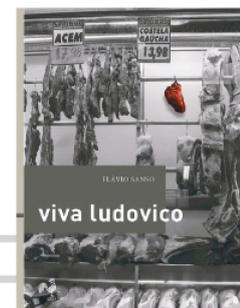
### ERA CINCO

risco fulvo  
ou ouro dorso,  
verdes, sem nó,  
as ondas eram jugo,  
de dobra em dobra  
escamar

via-se o iate,  
a unha,  
o telem  
óvel;  
a nuvem de mercúrio  
despida ao coral  
e à crosta  
de betão

entre chapa e sol,  
proa esfinge,  
garrafas em fila  
ensaivavam na tela  
uma muralha,  
murmurando  
no fundo  
a canção da praia  
a descobrir

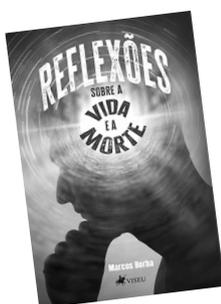
cantava-se ainda —  
os condes  
sonhariam  
com a nação



### Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)



### Até onde a dor nos leva?

A experiência de vida e morte é imanente a qualquer ser humano e ao longo da nossa existência vamos aprendendo a sorrir e a chorar por meio das alegrias e dos sofrimentos que passamos. A presente obra é um mergulho empírico e profundo na dor humana diante do sofrimento e como transcendeu-se pela escrita, pela fé e pela reflexão filosófica o turbilhão de emoções e sentimentos vividos, transformando a angústia e o medo em um momento precioso de superação e de amadurecimento. Com uma atmosfera poética e reflexiva, sem medo de desnudar-se aos sentimentos mais frágeis, o autor apresenta reflexões advindas do período de tratamento do câncer de sua mãe, oferecendo ao leitor a possibilidade de identificar-se com os temas abordados de maneira direta e profunda.

Adquira pela Amazon ou via site do autor: [marcosborba.com.br](http://marcosborba.com.br)

François de Malherbe

Tradução e notas explicativas de Ivo Korytowski

## CONSOLATION À M. DU PÉRIER SUR LA MORT DE SA FILLE

## Apresentação

Antes do advento da penicilina e dos antibióticos em geral, a morte prematura de crianças não era incomum, e os casais tinham vários filhos porque contavam com essa possibilidade. Se você percorrer os meandros dos cemitérios mais antigos, deparará com túmulos de crianças, e num morrinho do Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, esconde-se o “Cemitério dos Anjinhos”, covas rasas de crianças, não identificadas, como mostra um vídeo do autor desta tradução disponível no YouTube.

Para consolar seu amigo François du Périer pela morte de sua filha Marguerite aos cinco anos, o poeta François de Malherbe escreveu, em 1599, um dos mais célebres poemas do idioma francês, intitulado “Consolation à M. du Périer sur la mort de sa fille” (“Consolação ao Senhor du Périer pela morte de sua filha”), cujos versos “Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses, / L’espace d’un matin” popularizaram-se. No século 19, os escritores, quando queriam dizer que algo era fugaz, passageiro, diziam que durou como “as rosas de Malherbe”. O próprio Machado de Assis valeu-se amiúde dessa comparação, por exemplo, na crônica em *O Futuro* de 30 de novembro de 1862 quando escreveu: “Durarão as nossas palestras o intervalo de um charuto, mais infelizes nisto que as rosas de Malherbe.”

O poema compõe-se de 21 estrofes de quatro versos, os versos pares alexandrinos (12 sílabas, com acentos na sexta e décima-segunda) e os ímpares com metade disto, ou seja, hexassilábicos. Em alguns sites espalhados pela internet, o poema está truncado, tendo sido eliminadas aquelas estrofes que fazem referências à mitologia ou história. Aqui está a versão original completa seguida de sua tradução para o português (pela primeira vez, ao que me consta), obedecendo à métrica e ao esquema rímico do original.

Ta douleur, Du Périer, sera donc éternelle,  
Et les tristes discours  
Que te met en l’esprit l’amitié paternelle  
L’augmenteront toujours?

Le malheur de ta fille, au tombeau descendue  
Par un commun trépas,  
Est-ce quelque dédale où ta raison perdue  
Ne se retrouve pas ?

Je sais de quels appas son enfance était pleine,  
Et n’ai pas entrepris,  
Injurieux ami, de soulager ta peine  
Avecque son mépris.

Mais elle était du monde, où les plus belles choses  
Ont le pire destin;  
Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses,  
L’espace d’un matin.

Puis quand ainsi serait que, selon ta prière,  
Elle aurait obtenu  
D’avoir en cheveux blancs terminé sa carrière,  
Qu’en fût-il advenu?

Penses-tu que, plus vieille, en la maison céleste  
Elle eût eu plus d’accueil,  
Ou qu’elle eût moins senti la poussière funeste  
Et les vers du cercueil?

Non, non, mon du Périer; aussitôt que la Parque  
Ôte l’âme du corps,  
L’âge s’évanouit au-deçà de la barque,  
Et ne suit point les morts.

Tithon n’a plus les ans qui le firent cigale,  
Et Pluton aujourd’hui,  
Sans égard du passé, les mérites égale  
D’Archemore et de lui.

Ne te lasse donc plus d’inutiles plaintes;  
Mais, sage à l’avenir,  
Aime une ombre comme ombre, et des cendres éteintes  
Eteins le souvenir.

C’est bien, je le confesse, une juste coutume,  
Que le cœur affligé,  
Par le canal des yeux vidant son amertume,  
Cherche d’être allégé.

Même quand il advient que la tombe separe  
Ce que nature a joint,

Celui qui ne s’émeut a l’âme d’un barbare,  
Ou n’en a du tout point.

Mais d’être inconsolable, et dedans sa mémoire  
Enfermer un ennui,  
N’est-ce pas se haïr pour acquérir la gloire  
De bien aimer autrui?

Priam, qui vit ses fils abattus par Achille,  
Dénué de support  
Et hors de tout espoir du salut de sa ville,  
Reçut du réconfort.

François, quand la Castille, inégale à ses armes,  
Lui vola son Dauphin,  
Sembla d’un si grand coup devoir jeter des larmes  
Qui n’eussent point de fin.

Il les sécha pourtant, et comme un autre Alcide [Hércules]  
Contre fortune instruit,  
Fit qu’à ses ennemis d’un acte si perfide  
La honte fut le fruit.

Leur camp, qui la Durance avait presque tarie  
De bataillons épais,  
Entendant sa constance eut peur de sa furie,  
Et demanda la paix.

De moi, déjà deux fois d’une pareille foudre  
Je me suis vu perclus,  
Et deux fois la raison m’a si bien fait résoudre  
Qu’il ne m’en souvient plus.

Non qu’il ne me soit grief que la terre possède  
Ce qui me fut si cher;  
Mais en un accident qui n’a point de remède,  
Il n’en faut point chercher.

La mort a des rigueurs à nulle autre pareilles;  
On a beau la prier,  
La cruelle qu’elle est se bouche les oreilles,  
Et nous laisse crier.

Le pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre,  
Est sujet à ses lois;  
Et la garde qui veille aux barrières du Louvre  
N’en défend point nos Rois.

De murmurer contre elle et perdre patience  
Il est mal à propos;  
Vouloir ce que Dieu veut est la seule science  
Qui nous met en repos.

## CONSOLAÇÃO AO SENHOR DU PÉRIER PELA MORTE DE SUA FILHA

TRADUÇÃO

Tua dor, Du Périer, será pois imortal,  
E o triste padecer  
Que na alma tua pôs o amor paternal  
Não vai esmorecer?

O infortúnio da filha, ao túmulo descida,  
Pela morte vulgar,  
Seria um labirinto onde a razão perdida  
P'ra sempre vai penar?

Sua infância, sei bem, abundava em encantos,  
E não é meu intento,  
Inconsolado amigo, aliviar o teu pranto  
Ignorando o tormento.

Mas ela era do mundo onde as coisas formosas  
Têm u'a sina malsã;  
Sendo rosa, viveu o que vivem as rosas,  
Uma breve manhã.

Mas, tendo sido ouvido teu tristonho orar,  
Tivesse ela obtido  
Com os cabelos brancos a vida deixar,  
Que teria ocorrido?

Pensas que, se mais velha, na morada célia,<sup>1</sup>  
Melhor a recepção?  
Ou menos sentiria a poeira funérea  
E os vermes do caixão?

Não, meu bom Du Périer, no momento em que a Parca<sup>2</sup>  
Tira as almas dos corpos  
A idade já não existe para cá da barca<sup>3</sup>  
E não mais segue os mortos.

Titônio já não tem a idade da cigarra,<sup>4</sup>  
E atualmente Plutão,<sup>5</sup>  
Sem contar o passado, os méritos iguala  
De Arquemoro e do ancião.<sup>6</sup>

Não te deixes vencer por lamúrias baldadas  
Mas com discernimento  
Ama a sombra qual sombra, e das cinzas caladas  
Afasta o pensamento.

É um costume bem justo, devo confessar,  
Que o coração dorido,  
Pelas lacrimais vias vertendo o penar,  
Procure seu alívio.

Ainda que aconteça que a tumba separe  
O que o mundo juntou,

Tem barbárie na alma o ser que não se abale,  
Ou sem alma ficou.

Mas não se consolar e encerrar na memória  
Uma incessante mágoa,  
Seria se odiar para adquirir a glória  
De amar outra pessoa?

Príamo, cujos filhos Aquiles matou,<sup>7</sup>  
Tristonho e abandonado,  
Vendo que sua cidade ao final se salvou,  
Sentiu-se consolado.

Francisco, ao ver Castela, inferior em poder,  
Roubar o seu Delfim,<sup>8</sup>  
Por um tão rude golpe devia verter  
As lágrimas sem fim.

Mas conseguiu secá-las e, qual outro Alcides,<sup>9</sup>  
Do fado se vingou,  
E aos inimigos seus um ato tão terrível  
Vergonha provocou.

O campo do adversário, devido ao Durance  
Sem batalhões compactos,<sup>10</sup>  
Temendo aquela fúria, sentindo a constância,  
Assinou um tratado.

Eu próprio, por duas vezes, por um raio intenso  
Já me vi atingido,  
Nas duas ocasiões me levou o bom senso  
A esquecer o ocorrido.

Não que não me abale que possua o chão  
O que foi tanto amado,  
Mas tudo o que acontece sem ter solução  
Está solucionado.

A nada se assemelha a morte em seus castigos;  
Podemos suplicar,  
Mas em sua crueldade ela tampa os ouvidos  
E nos deixa chorar.

O pobre na cabana com teto de palha,  
'Stá sujeito às suas leis,  
E quem deve guardar do palácio a muralha  
Dela não livra os reis.

Murmurar contra ela e perder a paciência,  
Em nada nos acalma;  
A vontade de Deus é a única ciência  
Que dá paz à noss'alma.

### Notas

1. Célio=celestes. As exigências da métrica por vezes obrigam o tradutor a lançar mão de palavras menos usuais.
2. As Parcas ou Moiras eram as três divindades da mitologia que fiavam, desenrolavam e cortavam os fios das vidas humanas, determinando assim a duração da vida.
3. A barca de Caronte, que conduzia os mortos para o Hades.
4. Titônio, príncipe troiano, obteve de Zeus a imortalidade, mas esqueceu de pedir a eterna juventude. Decrépito, acabou sendo transformado pela Aurora em cigarra.
5. Plutão é o deus do Hades, o mundo dos mortos.
6. Arquemoro foi o apelido de Ofeltes, filho de Licurgo, rei da Nemeia, morto na infância por uma serpente. Como no Além a idade com que morremos já não conta, sob este aspecto, o imortal Plutão tem tantos méritos quanto o ancião Titônio ou o prematuramente falecido Arquemoro – foi assim que entendi esta estrofe.
7. Príamo, rei de Troia. Aquiles, herói da Guerra de Troia, personagem central da Ilíada.
8. A morte súbita, em 1536, do delfim (príncipe herdeiro) Francisco, filho do rei Francisco I, fez com que se suspeitasse de ter sido envenenado pelo inimigo Carlos V, imperador do Sacro-Império Romano Germânico, herdeiro por parte de mãe do reino de Castela, entre outros.
9. Alcides é um dos nomes de Hércules.
10. O Durance, mais importante rio da Provença, outrora temido por suas enchentes, que no poema dispersaram as tropas adversárias.



H. P. Lovecraft

Tradução de Demian Gonçalves Silva

# O Forasteiro

Infeliz é aquele a quem as memórias de infância trazem apenas medo e abatimento. Desventurado quem evoca horas solitárias, passadas em vastos e sombrios aposentos com tapeçarias pardas e enlouquecedoras fileiras de livros antigos, ou vigílias atemorizadas em crepusculares bosques de árvores grotescas, imensas e envoltas em trepadeiras, que agitam silenciosamente nas alturas os seus galhos retorcidos. Tal é a sorte que os deuses me deram a mim — a mim, o aturdido, o decepcionado; a mim, o infrutífero, o destroçado. E, contudo, sinto-me estranhamente satisfeito e agarro-me com desespero a essas secas memórias quando, por instantes, a minha mente ameaça ir mais além — ao outro.

Nada sei de onde nasci, exceto que o castelo era infinitamente velho e infinitamente horrível; repleto de passagens sombrias e de tetos elevados onde os olhos só podiam divisar sombras e teias de aranha. As pedras nos corredores esboroados pareciam sempre medonhamente úmidas, e havia por toda parte um cheiro amaldiçoado, como que dos cadáveres amontoados de gerações defuntas. Nunca havia luz, de modo que eu por vezes acendia velas e as contemplava fixamente para me aliviar; tampouco havia sol do lado de fora, pois as árvores terríveis cresciam até muito acima da mais elevada torre acessível. Havia uma única torre negra que ultrapassava as copas das árvores em direção ao desconhecido espaço exterior, mas estava parcialmente arruinada e a ela não se poderia ascender salvo por uma quase impossível escalada do imenso muro, pedra por pedra.

Devo ter vivido anos nesse lugar, mas não sou capaz de mensurar o tempo. Algumas criaturas devem ter provido às minhas necessidades, todavia não me posso recordar de pessoa alguma além de mim mesmo; nem de outras coisas viventes além dos silenciosos ratos, morcegos e aranhas. Quem quer que tenha cuidado de mim, creio que devesse ser espantosamente velho, pois

a minha primeira concepção de uma pessoa viva foi a de algo burlescamente semelhante a mim, porém deformado, encarquilhado e decadente, tal como o próprio castelo. Para mim não havia nada de grotesco nos ossos e esqueletos que se derramavam por criptas de pedra nas profundezas dos alicerces. Eu fantasiosamente associava essas coisas aos eventos do dia-a-dia, reputando-as mais naturais do que as coloridas imagens de seres-vivos que encontrava em muitos livros bolorentos. Nesses livros aprendi tudo o que sei. Nenhum professor me estimulou ou me orientou, e não me lembro de ter escutado uma única voz humana ao longo de todos esses anos — nem sequer a minha própria; pois, embora tenha lido acerca da palavra falada, nunca cogitei tentar falar em voz alta. A minha aparência era matéria igualmente incogitada, pois não havia espelhos no castelo, e eu limitava-me, por instinto, a considerar-me assemelhado às jovens figuras que via desenhadas ou pintadas nos livros. Sentia-me consciente da minha juventude porque tinha pouquíssimas recordações.

Lá fora, do outro lado do fosso pútrido e sob as sombrias árvores silentes, muitas vezes me deitava e sonhava horas a fio com o que lia nos livros; e imaginava-me ansiadamente no meio de alegres multidões, no mundo ensolarado para além daquela floresta sem fim. Certa feita tentei escapar da floresta, mas, à medida que me distanciava do castelo, a penumbra adensava-se e o ar impregnava-se de um medo ameaçador; de modo que corri de volta freneticamente, a fim de não me perder em um labirinto de silêncio noturno.

E assim, através de crepúsculos intermináveis, eu sonhava e esperava, embora não soubesse o quê. A dada altura, no meio da solidão tenebrosa, o meu anseio por luz fez-se tão desesperado que já não me dava descanso, e ergui as mãos suplicantes para a torre negra e arruinada que, acima da floresta, penetrava o desconhecido espaço exterior. E, por fim, resolvi-me a

escalar aquela torre, mesmo sob o risco de sofrer uma queda; antes ter um breve vislumbre do céu e perecer, a passar a vida sem ter nunca contemplado o dia.

Sob o úmido crepúsculo, escalei os velhos e desgastados degraus de pedra, até que atingi a altura onde se interrompiam, e dali passei a agarrar-me temerariamente a pequenos pontos de apoio que conduziam para cima. Pavoroso e terrível era aquele rochoso cilindro inerte em que não havia degraus; negro, arruinado e abandonado, e sinistro à conta dos morcegos assustados cujas asas não produziam som algum. Ainda mais pavoroso e terrível, no entanto, era a morosidade do meu avanço; pois, por mais que eu escalasse, a escuridão acima da minha cabeça não se atenuava nem um pouco, e um frio novo, como que de um assombrado e venerando bolor, tomou-me de assalto. Tiritando, eu perguntava-me por que razão não alcançava a luz, e teria olhado para baixo se tivesse a coragem para tanto. Conjecturava que a noite caíra subitamente sobre mim e, em vão, tateava com a mão livre à procura de uma fresta de janela, da qual pudesse espiar para fora e para cima e estimar a altura a que havia chegado.

Repentinamente, após um infinito e assustador escalar às cegas naquele terrificante precipício côncavo, senti a minha cabeça tocar em alguma coisa sólida, e soube que devia ter atingido o teto ou, pelo menos, alguma espécie de pavimento. Na penumbra, ergui a mão livre e testeie a barreira, constatando que era de pedra e inamovível. Logo experimentei um mortífero rodeio à torre, agarrando-me a quaisquer arrimos que a parede lodacenta pudesse oferecer, até que, finalmente, a minha mão perscrutadora percebeu que a barreira cedia, e dirigi-me novamente para cima, empurrando com a cabeça a laje ou porta enquanto usava ambas as mãos na minha amedrontada subida. Nenhuma luz se revelou lá em cima, e, à medida que as minhas mãos iam mais para o alto, soube que a minha escalada havia por ora findado; pois a laje constituía o

*Aquela noite o barão sonhou com infortúnios sem conta;  
E todos os seus hóspedes-guerreiros, de forma e sombra  
De bruxa, e demônio, e grande verme sepulcral,  
Eram presas em longos pesadelos.*

Keats

alçapão de uma superfície horizontal de pedra, com maior circunferência que a parte inferior da torre — sem dúvida o piso de uma elevada e espaçosa câmara de observação. Arrastei-me cuidadosamente pela abertura, tentando evitar que a pesada laje retrocedesse à sua primeira posição; contudo, falhei nessa tentativa. Enquanto jazia exausto sobre o piso de pedra, ouvi os lúgubres ecos da sua caída — mas tinha a esperança de poder reerguê-la quando fosse preciso.

Julgando que me encontrava agora a uma altura prodigiosa, muito acima dos amaldiçoados galhos do bosque, levantei-me do chão e pus-me a tentear em redor à procura de uma janela, da qual pudesse pela primeira vez observar o céu — e a lua e as estrelas que conhecia dos livros. De todos os lados, porém, só me vinha o desapontamento; pois tudo quanto encontrava eram vastas prateleiras de mármore, com odiosas caixas oblongas de tamanho desconcertante. Mais e mais eu me punha a cismar, e indagava-me dos segredos antiquíssimos que poderiam residir naquele elevado aposento, apartado havia tantos éons do castelo abaixo. Então, inesperadamente, as minhas mãos depararam uma entrada sobre a qual assomava um portal de pedra, rugoso à conta de estranhos entalhes. Ao forçar a porta, encontrei-a trancada; num supremo assomo de energia, porém, sobrepujei todos os obstáculos e escancarei-a para dentro. Ao fazê-lo, veio-me o êxtase mais puro que jamais experimentei; através de uma ornamentada grade de ferro, no extremo de uma breve escadaria de pedra que subia da recém-descoberta entrada, resplandecia serenamente a radiante lua cheia que eu nunca antes contemplara — a não ser em sonhos e em vagas visões que não me atreveria a chamar de memórias.

Imaginando agora que havia atingido o próprio cimo do castelo, comecei a transpor rapidamente os poucos degraus para além da porta; todavia o súbito enublamento da lua me fez tropeçar, e pus-me a sondar o caminho mais len-

tamente por entre a penumbra. Ainda estava muito escuro quando alcancei a grade — que forcei com cuidado e achei destrancada, mas que não abri por medo de me despenhar daquela estupenda altitude. E então apareceu a lua.

O mais demoníaco de todos os abalos é o do inesperado abissal e do grotesco inacreditável. Nada do que eu antes experimentara se poderia comparar, em terror, ao que eu agora via, às bizarras maravilhas que aquela visão implicava. Esta era, em si mesma, tão simples como estupefaciente, pois consistia tão-somente nisto: em vez de um vertiginoso panorama de copas de árvores visto de uma altíssima elevação, estendia-se em redor de mim, ao mesmo nível da grade, nada mais nada menos do que a terra firme, adornada e diversificada por lajes e colunas de mármore, e ensombrada por uma velha igreja de pedra cujo campanário arruinado luzia espectralmente ao luar.

Semiconsciente, abri a grade e avancei cambaleando pela senda de cascalhos brancos que se estendia em duas direções. A minha mente, por maior que fosse o atordoamento e o caos em que se encontrava, persistia ainda no seu desesperado anseio por luz; e nem mesmo a fantástica surpresa que sobreviera se poderia interpor no meu caminho. Não sabia e não me importava se a minha experiência era loucura, sonho ou magia; estava determinado a banhar os olhos em luminosidade e contentamento, qualquer que fosse o preço a pagar. Não sabia quem ou que coisa era eu, nem o que poderiam ser os arredores que me cercavam; todavia, enquanto eu avançava aos tropeços, veio-me à consciência uma temível memória latente, e com ela o meu avanço tornou-se menos fortuito. Passando por sob um arco, abandonei aquela região de lajes e colunas e pus-me a vagarear pelo campo aberto; às vezes seguia pela estrada visível, outras vezes a abandonava e, curioso, percorria prados em que apenas ocasionais ruínas indicavam a antiga presença de uma estrada esquecida. Em dado momento, atravessei a nado um célere rio em que uma esboroadada e musgosa alvenaria dava testemunho de uma ponte havia muito desaparecida.

Mais de duas horas devem ter-se passado antes que eu chegasse ao que parecia ser o meu destino, um venerável castelo coberto de heras em um

parque de espesso arvoredo; para mim loucamente familiar e, contudo, cheio de uma desconcertante estranheza. Vi que o fosso se achava coberto, e que algumas das já conhecidas torres haviam sido demolidas; ao mesmo tempo, existiam alas novas para confundir o espectador. O que observei com maior interesse e deleitação, porém, foram as janelas abertas — as quais, maravilhosamente resplandecentes de luz, irradiavam os rumores da mais jubilosa folia. Avançando até uma delas, olhei para dentro e avistei um grupo de pessoas com vestimentas deveras extravagantes, que se divertiam e falavam animadamente entre si. Ao que se presume, eu nunca antes ouvira a voz humana, e só muito vagamente podia adivinhar o que se dizia. Alguns daqueles rostos, nas expressões que manifestavam, pareciam despertar reminiscências incrivelmente remotas; outros eram completamente alienígenas.

E, agora, dava eu um passo por sobre a janela baixa, adentrando no recinto brilhantemente iluminado — e era um passo que dava, do meu único e brilhante momento de esperança, para o meu mais negro convulsionar em desespero e compreensão. O pesadelo não tardou a surgir; pois, enquanto eu entrava, sucedeu de imediato uma das demonstrações mais terríveis que eu poderia conceber. Mal transpus o parapeito, um medo súbito e inesperado, com uma violência hedionda, irrompeu sobre o agrupamento contorcendo todas as fâces e despertando gritos horrendos em quase todas as gargantas. A fuga foi generalizada e, no meio daquele alarido e pânico, vários tombavam desmaiados e eram levados de arrasto pelos desvairados companheiros. Muitos cobriam os olhos com as mãos e mergulhavam cega e desajeitadamente na sua desabalada evasão, derrubando móveis e esbarrando contra as paredes antes que lograssem alcançar uma das diversas portas.

Os gritos eram perturbadores; e, enquanto eu permanecia de pé no brilhante aposento, só e aturdido, ouvindo ainda os ecos evanescentes, tremi ao pensamento de que, próximo a mim, algo invisível poderia estar à espreita. A sala, sob uma inspeção casual, parecia deserta; quando me movi em direção a uma das alcovas, porém, pensei detectar ali uma presença — uma sugestão de

movimento para além da porta de arco dourado que levava a um outro e similar aposento. À medida que me aproximava do arco, comecei a perceber mais claramente a presença; e então, com o primeiro e último som que alguma vez emiti — uma horripilante ululação que me repugnou quase tanto como o nocivo objeto que a provocara — contemplei na sua inteireza, na sua assustadora vividez, a inconcebível, a indescrevível e inominável monstruosidade que, pela sua simples aparição, havia transformado um grupo de alegres convivas em uma alucinada horda de fugitivos.

Não posso sequer sugerir aproximadamente como era ela, pois era um amontoado de tudo quanto há de imundo, nefasto, indesejável, anormal e ominoso. Era a sombra fantasmagórica da decadência, da antiguidade e da ruína; o espectro pútrido e gotejante de uma perniciosa revelação; o terrível desnudamento daquilo que a terra misericordiosa deveria sempre ocultar. Sabe Deus que ela não era deste mundo — ou não mais deste mundo — e contudo, para o meu horror, eu divisava, na sua silhueta carcomida e com os ossos à mostra, uma maléfica e abominável caricatura da figura humana; e, na sua indumentária mofada e em desintegração, uma qualidade inominável que ainda mais me regelava.

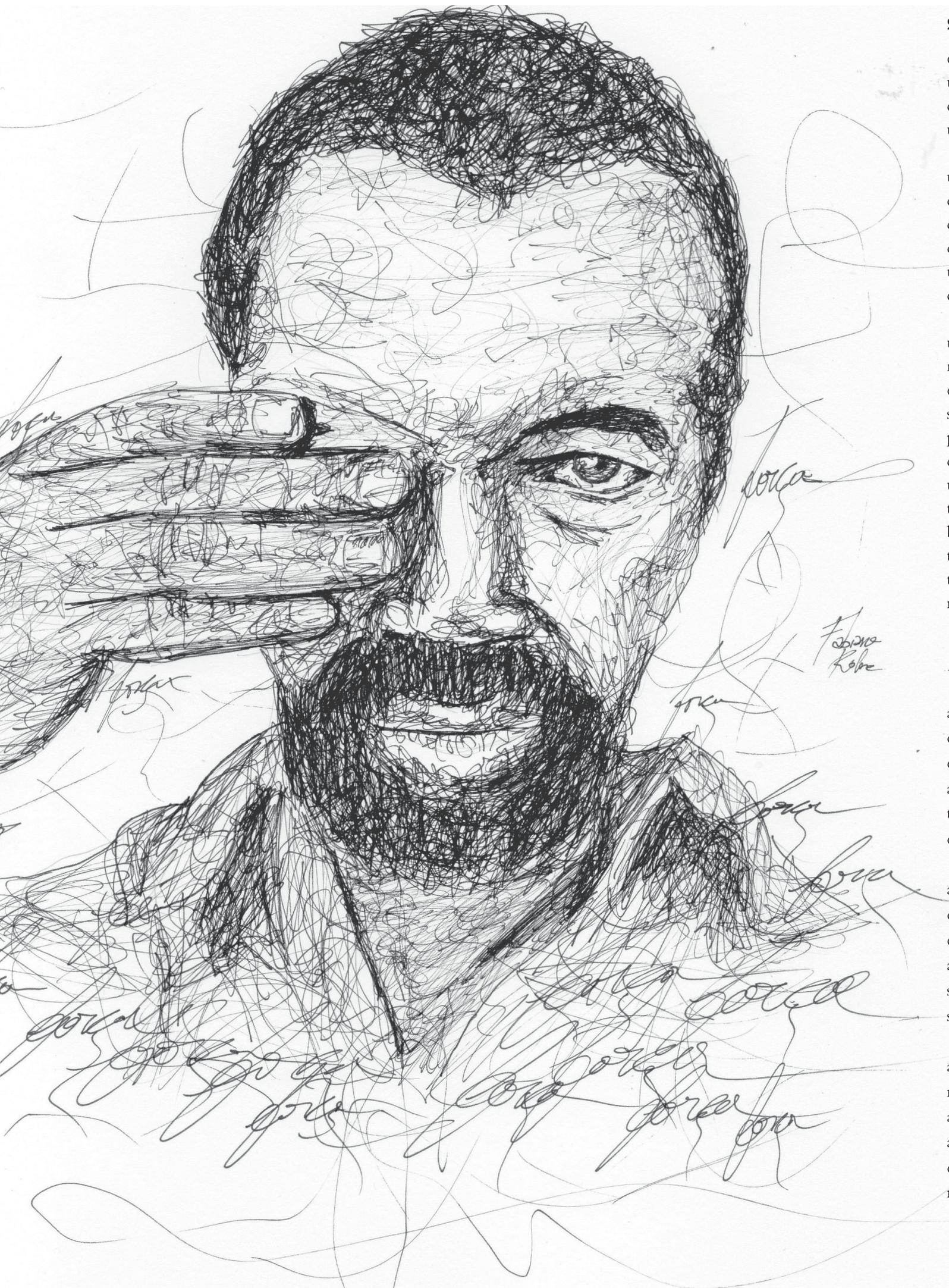
Eu estava quase paralisado, mas não tanto que não chegasse a esboçar um débil esforço de fuga; um cambalear para trás, que falhou em quebrar o feitiço em que me mantinha aquele monstro silencioso e inominado. Os meus olhos, enfeitiçados por aquelas órbitas vítreas que asquerosamente os fitavam, recusavam fechar-se; no entanto, estavam misericordiosamente embaçados e, após o primeiro choque, viam apenas indistintamente o objeto terrível. Tentei levantar a mão para cobrir a vista, mas o abalo dos meus nervos era tamanho que o braço não me obedecia. A tentativa, contudo, foi suficiente para me perturbar o equilíbrio; de modo que precisei arrastar-me alguns passos à frente para não cair. Ao fazê-lo, fui tomado pela súbita e agoniada consciência da proximidade daquela coisa putrefata, cuja respiração profunda e odiosa eu julgava poder ouvir. Quase enlouquecido, fui ainda capaz de projetar uma mão para afastar a fétida aparição, que estava

cada vez mais próxima; foi então que, num cataclísmico instante de pesadelo cósmico e de infernal acaso, os meus dedos tocaram a apodrecida pata que o monstro estendia sob o arco dourado.

Não cheguei a gritar, mas todos os demônios que cavalgam o vento da noite o fizeram por mim quando, naquele mesmo instante, desabou sobre a minha consciência uma fugaz avalanche de memórias que me devastou a alma. Soube naquele instante o que havia acontecido; recordei o que havia para além do terrível castelo e das árvores, e reconheci o edifício modificado em que me encontrava agora; e, o mais terrível de tudo, reconheci aquela ímpia abominação que me fitava maleficamente, enquanto eu retirava dos seus os meus dedos maculados.

Entretanto, no cosmo existe bálsamo para todo amargor, e esse bálsamo é o nepente. No supremo horror daquele momento, olvidei o que me havia horrorizado, e a irrupção de memórias sombrias desvaneceu-se em um caos de ecoantes imagens. Como num sonho, fugi daquele maldito edifício assombrado e pus-me a correr rápida e silenciosamente sob a luz do luar. Quando retornei ao cemitério de mármore e desci os degraus, constatei que o alçapão de pedra não se movia; todavia não me lamentei, pois sempre odiara o antigo castelo e as árvores. Agora, junto com os jocosos e amigáveis demônios, cavalgo o vento da noite e folgo, durante o dia, por entre as catacumbas de Nephren-Ka, no velado e desconhecido vale de Hadoth, às margens do Nilo. Sei que a luz não é para mim, salvo aquela que a lua derrama sobre as tumbas de pedra de Neb; nem tampouco a alegria, salvo aquela dos inominados festins de Nitokris, debaixo da Grande Pirâmide; contudo, no meu novo estado de liberdade e selvageria, chego quase a dar as boas-vindas à amargura do alheamento.

Final, embora o nepente me tenha acalmado, nunca me esqueço de que sou um forasteiro; um estrangeiro neste século e entre aqueles que ainda são homens. Isto eu sei desde que estendi os dedos para a abominação que me fitava de dentro daquela grande moldura dourada; desde que estendi os dedos e toquei a fria e rígida superfície de um espelho polido.



## sereno

é assim um urro  
um grito até a sobra  
de um resquício de voz.  
uma escada

um soco no escuro  
do silêncio, tumulto  
desequilíbrio e tropeço,  
chutes, desassossego.  
um berro no beco  
do meu medo,

uma garra na cara,  
no olho, bem no meio.  
escapo, fujo,  
subo o muro,  
pé, pé na linha, sigo.  
de frente pra esquina  
um espasmo, um cisco,  
todas luzes semafóricas  
brilham colapsadas.  
tá frio,  
tem pavor e arrepijo  
no pavio do meu umbigo.

## 1/3

aceder à tentação submersa  
corar o medo e tremer a mão  
e os dedos tentáculos cegos  
alcançar  
tentativas  
cedo

assentir à invasão do subversor  
encorajar o assalto premeditado  
e sabotar a fuga e o furto  
arrombar  
simulacros  
sinto

alvejar o ciclo subconsciente  
marchar em peso nos trópicos  
a fitar o meridiano intangível  
arrastar  
contrapesos  
revejo

Ariadne Toledo Nunes Pereira

# Mariane

Mariane e eu gostávamos de apostar. Toda sexta-feira, jogávamos dois dados não viciados e decidíamos a sorte da noite num lance bem armado. No esquema ímpar-par, nossos olhos antecipando o confronto, escolhíamos nossos lados e, cada uma com um dado na mão, atirávamos nossos destinos quicantes pelo chão.

Na antecipação da coisa, um segundo antes, minha esposa, com quem eu combinava festas íntimas havia ao menos quatro anos, para quem eu olhava sempre que a voracidade da vida abria sua boca na intenção de uma mordida, e para quem, igualmente, eu marejava os olhos na realização de um sonho, era-me estranha.

Não é que eu não gostasse que o espírito da competição estivesse inscrito ali na expressão dela, mas é que a cara da minha mulher queimava com o vislumbre da vitória. Ficava enferma e trêmula com o dadinho na mão. Mostrava as garras, a face rosada, e sorria sinistra, meio que saltando de aflição. Quando ela perdia, dizia que ganhava. Metralhava uma enxurrada de argumentos fracos e contraditórios. Em resumo, o esquema funcionava somente com berros e gritos, de modo que nossa dança era a dança da imposição.

Usualmente, nossos lances decidiam a trivialidade da casa. Louças se lavavam e panos se passavam numa jogada, até que eu, cansada da coreografia, comecei a não me importar de, em última instância — e devido aos tantos caprichos dela —, tomar conta do recado. Acabava lavando louças e passando panos independentemente do resultado. Ela ganhava, eu me ocupava dos trabalhos. Ela perdia, eu assumia as tarefas em nome da harmonia.

Mariane começou, então, a se esquecer de nossas sextas. Fazia pouco caso e não mais me esperava ansiosa com uma cerveja Quilmes na mão. Em vez disso, traçava planos em voz alta sozinha. Leria Lygia, tomaria um porre, faria uma massa, ligaria para as amigas. Quando jogava, era sem tesão. Mais por insistência do que vontade,



pegava um dado e o atirava ao chão — mas não o olhava. Saía dançando de fininho, dizendo que eu era um doce, doce, sua menina.

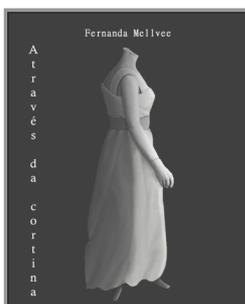
Mesmo que a partida em si não traduzisse como organizávamos as tarefas, o ritual, que fora estabelecido por ela quando nos mudamos pela primeira vez, e que realmente era seguido à risca nos primeiros anos, se manteve, antes por teimosia minha, do que uma nostalgia agriçosa da paixão.

Ainda era um segredo que compartilhávamos, Mariane e eu. Nas partidas, havia algo dela, uma ideia, uma criação, em mim. Era um fluxo que eu jamais abandonaria. Até o ceder a ela era um ceder feliz.

Certo final de semana, Mariane colocou ambos os dados na minha mão e disse, sorrindo “Vai, Esther, joga a tua sorte!”. Olhei-a, contrariada. “És livre”. Não entendi o cativo que minha mulher havia me colocado para que ela me libertasse. Larguei os objetos, ajoelhei-me aos seus pés e, com ambas as mãos circunscrevendo as canelas dela, beijei, e ainda, lambi, disparatada, sua matéria.

“Não entendo”.

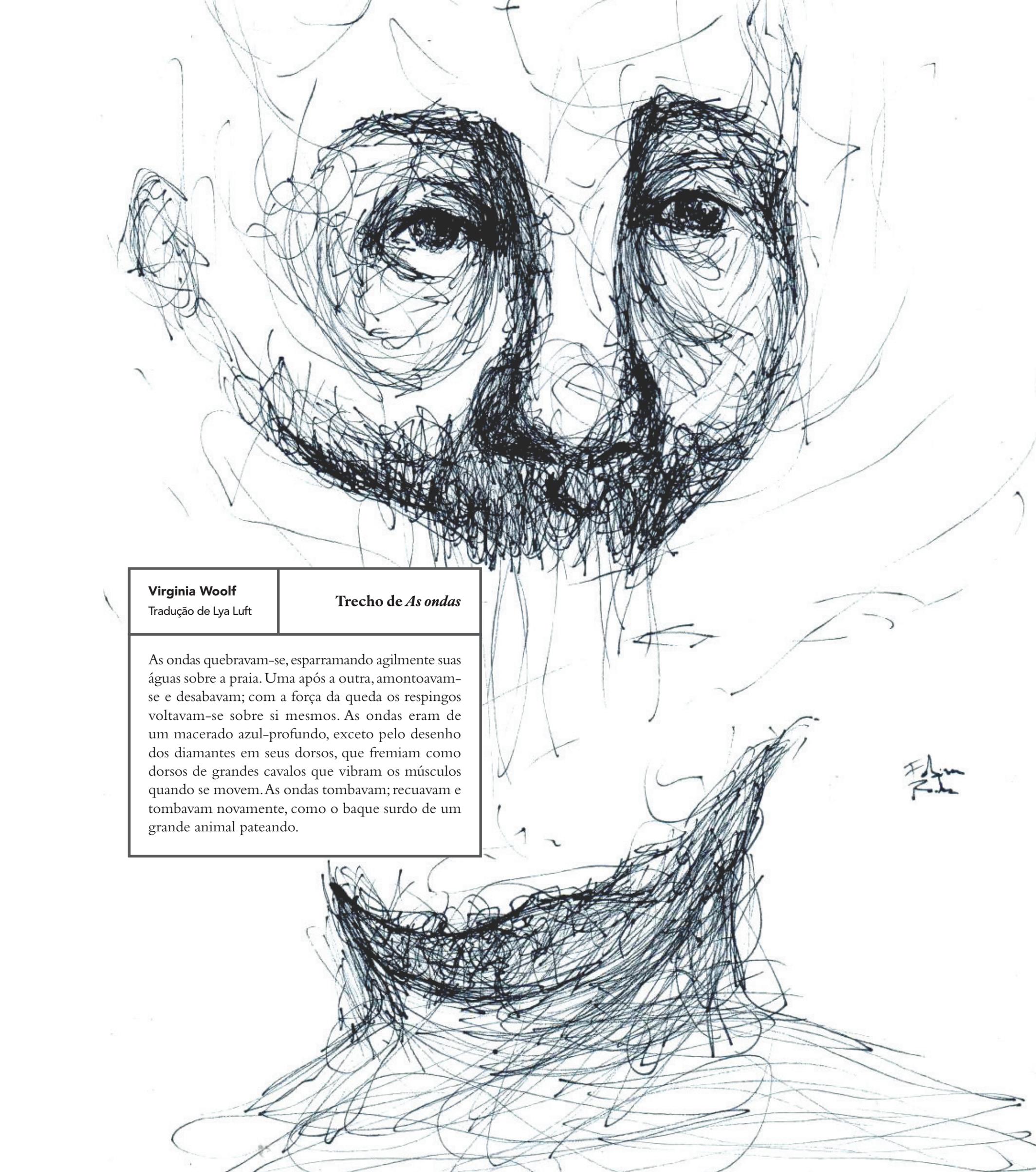
Mas ela se abaixou e, ficando na minha altura, me desprende de seu corpo: “Lança os dados e solta-te, minha querida. Não há prazer em jogar na solidão”.



O que você faria se pudesse voltar no tempo? Esta é a premissa de *Através da cortina*, o novo livro da autora porto-alegrense Fernanda Mellvee, publicado pela Editora Berskir. Narrado em primeira pessoa, o romance apresenta ao leitor a história de Melina, uma aspirante a es-

critora que acidentalmente descobre uma forma de voltar no tempo. Se no presente Melina vive o tédio de um casamento de aparências com Henrique, um médico egocêntrico que desaprova o desejo da esposa de escrever, no passado ela conhece Rubens, um homem gentil, porém marcado por uma

tragédia familiar da qual a protagonista descobrirá que também faz parte. Entre idas e vindas, presente e passado se cruzam em momentos que fazem a personagem se questionar sobre a época a que pertence e, principalmente, sobre como consertar os próprios erros cometidos em outro tempo.



**Virginia Woolf**

Tradução de Lya Luft

**Trecho de *As ondas***

As ondas quebravam-se, esparramando agilmente suas águas sobre a praia. Uma após a outra, amontoavam-se e desabavam; com a força da queda os respingos voltavam-se sobre si mesmos. As ondas eram de um macerado azul-profundo, exceto pelo desenho dos diamantes em seus dorsos, que freiriam como dorsos de grandes cavalos que vibram os músculos quando se movem. As ondas tombavam; recuavam e tombavam novamente, como o baque surdo de um grande animal pateando.

Edin  
Ribeira